

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

CRISTIANO DE ARAUJO FONTES

ALETHEIA E PHYSIS ENQUANTO VERDADE E DESENCOBRI-
MENTO DO SER:
A VISÃO DO ENCOBRIMENTO DESCOBRIDOR E EM DESENCOBRI-
MENTO

SALVADOR
2023

CRISTIANO DE ARAUJO FONTES

ALETHEIA E PHYSIS ENQUANTO VERDADE E DESENCOBRI-
MENTO DO SER:
A VISÃO DO ENCOBRIMENTO DESCOBRIDOR E EM DESENCOBRI-
MENTO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Colegiado de
Filosofia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da
Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para
obtenção do título de licenciatura em filosofia.

ORIENTADORA: PROF. DR^a ACYLENE MARIA CABRAL
FERREIRA

SALVADOR
2023

CRISTIANO DE ARAUJO FONTES

ALETHEIA E PHYSIS ENQUANTO VERDADE E DESENCOBRI-
MENTO DO SER:
A VISÃO DO ENCOBRIMENTO DESCOBRIDOR E EM DESENCOBRI-
MENTO

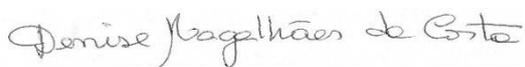
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Colegiado de
Filosofia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da
Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para
obtenção do título de licenciatura em filosofia.

Aprovado em 31 de outubro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:



PROF. DR^a ACYLENE MARIA CABRAL FERREIRA
Nome do Orientador (Universidade Federal da Bahia)



Profa. Dra. Denise Magalhães Costa

(UFRB)



Dra. Adrielle Costa Gomes de Jesus

(UFBA)

RESUMO

O trabalho de pensamento desta monografia visa a relação entre *aletheia* e *physis* no texto de Heidegger sobre os fragmentos de Heráclito. Nos anos de 1943 e 1944, durante os semestres de verão, o filósofo alemão realizou duas preleções sobre a palavra do pensador grego intituladas *Heráclito: A origem do pensamento ocidental* (1943) e *Lógica: A doutrina heraclítica do logos* (1944). A primeira discute a *verdade enquanto desvelamento do ser* interpretada como relação de favorecimento entre surgimento e encobrimento. A segunda discute o *logos* a partir da unidade originária da *physis*.

O que marca o nexa ontológico dessa relação é o encobrimento. Heidegger aprofunda o sentido de *aletheia* e *physis*, a partir do sentido de encobrimento. Este propicia e preserva o surgimento, mantendo-se, ele mesmo, descobridor e em desencobrimento. A visão da relação do encobrimento com o descobrimento e o surgimento é a visão da relação da *aletheia* e *physis* enquanto a verdade do ser ou, simplesmente, a origem.

Assim, *a visão do encobrimento descobridor e em desencobrimento* é a jornada e a tentativa de pensar, no diálogo interpretativo com Heidegger, o encobrimento a partir da relação de *aletheia* e *physis* e o nexa dessa relação como a verdade do ser.

Palavras-chave: encobrimento; *aletheia*; *physis*; verdade do ser.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
Caminho da investigação	7
2 PREPARAÇÃO PARA SE PENSAR <i>ALETHEIA</i> E <i>PHYSIS</i>	9
2.1 As questões da metafísica sobre a não verdade e o não ser e a diferença entre o pensamento originário e seu a-se-pensar	9
2.2 As palavras fundamentais do pensamento originário: <i>physis</i> e <i>aletheia</i> e a distinção de natureza e verdade no âmbito da metafísica	13
3 A <i>PHYSIS</i> EM SEU DESABROCHAR: O ENCOBRIMENTO EM DESENCOBRIMENTO	19
3.1 <i>Physis</i>: surgimento e encobrimento	19
3.2 <i>Philia</i>: favor e propiciação da unidade originária da <i>physis</i>	22
3.3 <i>Physis</i> e <i>harmonia</i>: a junção inaparente, clareadora e arrastadora	25
3.4 <i>Physis</i> enquanto fogo e cosmo	29
4 <i>ALETHEIA</i> E <i>PHYSIS</i> EM SEUS NEXOS: A VERDADE DO SER OU O ENCOBRIMENTO DESCOBRIDOR E EM DESENCOBRIMENTO	34
4.1 A clareira da <i>aletheia</i> e o encobrimento descobridor	34
4.2 O encobrimento descobridor e em desencobrimento: a verdade do ser	37
5 CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

A herança da filosofia passa por muitos nomes e Heráclito é um deles. Considerado pela tradição metafísica como filósofo pré-socrático e um dos mais importantes pensadores da antiguidade, ele é considerado por Martin Heidegger um pensador originário. Nos anos de 1943 e 1944, durante os semestres de verão, o filósofo alemão realizou duas preleções sobre a palavra do pensador grego intituladas *Heráclito: A origem do pensamento ocidental* (1943) e *Lógica: A doutrina heraclítica do logos* (1944). A primeira discute a *verdade enquanto desvelamento do ser* interpretada como relação de favorecimento entre surgimento e encobrimento. A segunda discute o *logos* a partir da unidade originária da *physis*.

Nosso trabalho de final de curso ocupou-se em refletir sobre a primeira preleção, para discutir, tanto o nexa entre o surgimento e o encobrimento (*physis*), quanto entre o descobrimento e o encobrimento (*aletheia*). O que se propõe nessa investigação é não perder, sobre hipótese nenhuma, o encobrimento de vista, pensando junto com Heidegger o encobrimento em desencobrimento, à medida que o encobrimento se des-cobre, se des-encobre e *deixa ser a verdade do ser*.

Seguindo o pensamento do filósofo sobre os fragmentos de Heráclito, sobretudo o fragmento 16¹, refletiremos sobre a relação de *aletheia* e *physis*. Entendemos que todo o texto heideggeriano é, antes de tudo, um esclarecimento conceitual do que significa *physis* para a experiência do pensamento grego antes das filosofias platônica e aristotélica. Sendo *physis*, nessa experiência, um surgimento favorecido e desde um encobrimento, a interpretação de Heidegger busca aclarar todos os nexos possíveis entre o surgir e o encobrir.

Os aspectos da *physis*, isto é, as várias relações que se abrem a partir do encobrimento, são pensados com o auxílio de outras palavras fundamentais de Heráclito, que guardam a essência do surgimento no encobrimento, como ζωή (*zoe* / vida), ἀρμονία (harmonia), ἔρις (*eris* / luta), πῦρ (fogo), κόσμος (cosmo) e λόγος (logos). O coração da preleção é o esclarecimento dessas palavras fundamentais e, conseqüentemente, da essência da *physis* (φύσις) enquanto incessante surgir originado pela junção com o encobrimento.

Todavia, a junção com o encobrimento, mantendo-se, ao mesmo tempo, fora e se expondo fora do encobrimento, implica, necessariamente, uma abertura antecipada em todo surgir e aparecer, indicando assim na essência da *physis* – no “nunca adentrar o encobrimento” – a

¹ τὸ μὴ δῶνόν ποτε πῶς ἄν τις λάθοι; Como alguém poderia manter-se encoberto face ao que a cada vez já não declina? HEIDEGGER, Martin. Heráclito, p. 61.

vigência da clareira, a *aletheia*, isto é, o fundo velado da unidade entre *aletheia* e *physis* enquanto o aberto do des-cobrimto e em desencobrimento, na qual a *physis* aparece e se espalha. Assim, Heidegger vai discutir a relação de essência entre *aletheia* e *physis*, demonstrando em que sentido, na aurora do pensamento grego e na história do ocidente, essa relação aparece como origem ou como a verdade do ser.

O caminho da investigação

Para a discussão do pensamento heideggeriano seguimos o caminho do diálogo interpretativo com o filósofo alemão, sobretudo, sem perder de vista o encobrimento do não-dito naquilo que está dito. Em *Ser e tempo* essa indicação se encontra na afirmação explícita de que “*a verdade fenomenológica (abertura de ser) é veritas transcendentalis.*”² Isto significa que é da verdade fenomenológica ou ontológica fundada na *compreensão de ser* que se fundamenta os modos da verdade empírica ou ôntica. Por sua vez, diferente de *Ser e tempo* que o sentido de ser em geral é descoberto pelo ente, qual seja, o *Dasein*, em Heráclito o desvelamento de ser acontece na clareira da *physis* conforme indicado no fragmento 16. Pensar a clareira significa manter-se no diálogo com o filósofo na espera de algo que não se força, mas apenas se antecipa enquanto ***desencobrimento do encobrimento***. Em nosso trabalho buscamos, seguindo o pensamento heideggeriano, liberar o sentido da relação entre *aletheia* e *physis* enquanto o *encobrimento em desencobrimento* e a jornada do pensamento – “a visão”, a compreensão de ser – a partir do *encobrimento descobridor e em desencobrimento*.

Porém é preciso desatar os “nós” das aporias relativas ao encobrimento, enquanto este “é bem mais ‘um’ ser, ou até mesmo o ser.”³ Discutir com a tradição os significados originários de *physis* como também de *dynon*, *kryptesthai* e *lanthano* a partir do pensamento da origem, antes do advento socrático, será fundamental para esclarecer a relação entre surgimento e encobrimento enquanto palavras do ser e do tempo (a questão da dimensão do aspecto verbal dos particípios). Assim, mais uma vez, seguimos o caminho do diálogo interpretativo com o autor, questionando por um lado e exemplificando por outro as palavras, as traduções e interpretações de Heidegger sobre Heráclito.

Para a realização dessa tarefa, fizemos a leitura cuidadosa dos textos da preleção de *Heráclito* (1943 e 1944), dos textos *Aletheia* (1954) e *Logos* (1951), em *Ensaio e conferências*,

² HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*, p. 78.

³ HEIDEGGER, Martin. *Heráclito*, p. 66 – 67.

e, por fim, do texto de Marlène Zarader, *Heidegger e as palavras da origem*. Esses foram os textos de base do trabalho de investigação sobre a verdade do ser ou sobre a origem no pensamento de Heidegger referente a palavra de Heráclito. Como a feitura deste texto, que chega em seu acabamento, não aconteceu de modo contínuo e linear, mas dando pausas e retomando o assunto, pode-se dizer que há uma impressão real de repetição entre os próprios capítulos e, mesmo, os parágrafos. Porém, o motivo principal desse modo de caminhar do pensamento e da escrita no diálogo com Heidegger não é tanto de uma linguagem hermética atribuída a sua obra, mas sobretudo filosófica, ou seja, a necessidade de corresponder também no pensamento e na palavra o legado que nos foi entregue enquanto tarefa de pensamento: o a-se-pensar a partir da verdade do ser. As expressões heideggerianas foram escutadas no caminho do pensamento e fazendo aparecer algo, que a princípio não se representa. “Verdade do ser”, “desencobrimento do encobrimento”, “junção inaparente”, “junção clareadora”, “arranjo originário” e “surgimento favorecido pelo encobrimento” são algumas expressões conceituais que apelam, em sua concisão e sonoridade, para a *escuta da visão*. E como as preleções de *Heráclito* carregam, na maioria dos parágrafos (que são como capítulos), uma intenção didática de repetição dos temas abordados nos tópicos iniciais, penso ser bom deixar essa feliz coincidência de repetição (seja de palavras ou de articulações de palavras em prol de “visões e sentidos”), que se expressou naturalmente.

Por fim, com todo esse caminho e percurso de pensamento, chegamos à elaboração e divisão, em quatro capítulos, do texto final desse laborioso, mas também saboroso trabalho de pensar. Temos assim mais três capítulos. O capítulo 2: Preparação para se pensar *aletheia e physis*. O capítulo 3: A *physis* em seu desabrochar: o encobrimento em desencobrimento. E, concluindo o texto, o capítulo 4: *Aletheia e physis* em seus nexos: a verdade do ser ou o encobrimento descobridor e em desencobrimento.

2 PREPARAÇÃO PARA SE PENSAR *ALETHEIA* E *PHYSIS*

2.1 As questões da metafísica sobre a não verdade e o não ser e a diferença entre o pensamento originário e seu a-se-pensar

Heidegger aprofunda o sentido de *aletheia* e *physis*, a partir do sentido de encobrimento. Este propicia e preserva o surgimento, mantendo-se, ele mesmo, descobridor e em desencobrimento. A visão da relação do encobrimento com o descobrimento e o surgimento é a visão da relação da *aletheia* e *physis* enquanto a verdade do ser ou, simplesmente, a origem.

Na tradição metafísica o encobrimento diz, propriamente, tanto o não ser, quanto a não verdade. 1. Não ser enquanto um deixar de ser (acabar, morrer, extinguir, ou ainda como devir); 2. Não verdade enquanto aquilo que não é (que não se encontra dado, exposto, presente em uma atualidade e para a uma concordância). Por isso, o encobrimento, na tradição metafísica, é um elemento de contradição que se opõe radicalmente a todo e qualquer surgir e descobrir. Como pode haver encobrimento no próprio surgimento e no descobrimento? A dialética não consegue integrar e pensar essa contradição numa relação essencial e a lógica a legitima como insuperável. A metafísica, assim, fica restrita a compreender a relação entre esses pares opostos e contraditórios como uma dinâmica processual de estágios que se superam ao longo de uma sequência cronológica. Ou seja, o encobrimento refere-se, ou a um antes ou a um depois, ao que se encontra vigente numa atualidade.

Para Heidegger, o problema filosófico a ser compreendido é, justamente, o contrário, ou seja, o encobrimento não é um “mero” não ser e nem uma “simples” não verdade, mas o que *deixa ser a verdade do ser*. Ele propicia o desabrochar da *physis*, ele preserva a abertura da clareira e, ao mesmo tempo, ele reúne e é a inteireza da unidade entre *physis* e *aletheia*. Nestes termos, o encobrimento propicia e preserva o surgimento (*a physis*) e deixa ser o desencobrimento (*a aletheia*), ou seja, tanto mantém o jogo-jorro da *physis*, o surgimento incessante, quanto mantém descoberta-aberta a clareira do desencobrimento, a *aletheia*. Pensando o encobrimento, Heidegger pensa a essência da *aletheia* como o *desencobrimento do encobrimento* e, ao mesmo tempo, a própria *physis* enquanto um *surgimento incessante desde um encobrimento*. *Aletheia* e *physis*, e seus nexos ontológicos, constituem a verdade do ser ou, como já dito, a origem. Verdade do ser ou origem dizem, aqui, o Mesmo.

Mas, como é possível o encobrimento ser a palavra fundamental do texto da preleção de 1943, *Heráclito: a origem do pensamento ocidental*, se o título fala de origem do pensamento ocidental? Qual a relação de sentido entre o encobrimento com a origem e o ocidente?

Pode-se dizer, pensando o texto de Heidegger, que não é por embelezamento, mero acaso ou, muito menos, displicência, o título reservado para a preleção sobre a palavra de Heráclito. Ele mesmo alerta: “Em lugar do título *cuidadosamente estabelecido* para a preleção [...]”⁴, e já indica todo o campo de pensamento e discussão, por isso o título é preciso. O importante é compreender, a partir de sua interpretação, que o pensamento da origem, e justamente por pensar a origem, pensa a (e desde a) inteireza de ser e não ser, de verdade e não verdade. Não ser e não verdade dizem aqui um encobrimento essencial. Se o ocidente indica as regiões da terra onde acontece o ocaso do dia e o encobrimento do pôr do sol, e, se esse encobrimento é, ao mesmo tempo, o nascer do próprio pôr do sol enquanto se encobre e o nascer da noite *em meio* ao ocaso do dia, adentrando assim ao encobrimento em um des-encobrir, então o que chamamos de ocidente indica, com boa precisão, o sentido de encobrimento. E, enquanto encobrimento, o ocidente arrasta consigo mesmo um constante nascer, uma aurora, uma origem. Origem e ocidente se co-pertencem de modo essencial já indicando a relação de surgimento e encobrimento. Para Heidegger, foi a sabedoria grega, na grandeza de pensar a origem em sua inteireza, que gerou a filosofia e não o contrário. A origem do pensamento ocidental indica, assim, o pensamento da origem, o pensamento originário e seus precursores. Anaximandro, Parmênides e Heráclito são considerados os pensadores originários, e isto porque eles são “àqueles que pensam no âmbito da origem”⁵.

Mas como Heidegger propõe e conduz a discussão para se pensar a inteireza da origem e do pensamento originário? Qual seu caminho de pensamento?

Através das palavras de Heráclito, ele atravessa cada palavra. Heidegger pensa cada palavra, palavra por palavra, das palavras fundamentais dos fragmentos de Heráclito. Em cada palavra o encobrimento se encontra presente e vai aparecendo na tradução e interpretação. Se o encobrimento se refere ao não ser e a não verdade, no pensamento originário isso não implica uma contradição excludente, pois essas palavras sempre mantem uma relação de diferença e identidade, de contradição e integração em relação ao que se referem. *Physis* nunca é, somente, surgimento; a *aletheia* não é um desencobrimento sem o encobrimento que lhe pertence. São palavras que se referem não tanto ao ente, mas ao ser e, sobretudo, aos modos de desvelamento

⁴ HEIDEGGER, Martin. Heráclito, 1998, p. 18.

⁵ Ibid., p. 18.

do ser. Desvelamento, desencobrimento de ser guarda sempre uma relação essencial com o velamento, o encobrimento.

Assim, na conferência supracitada, os dois primeiros parágrafos (§1. *Para introduzir a palavra de Heráclito, duas “estórias” a seu respeito*, e §2. *A palavra na origem do pensamento*) já buscam caracterizar o próprio da palavra de Heráclito em sua força de nomeação sobre o que constitui o a-se-pensar para os pensadores originários. A palavra de Heráclito, para Heidegger, se constitui como a saga da palavra mais nobre do pensamento da origem. Saga indica uma narração porque, enquanto palavra *da* e *na* origem, a narração constitui o movimento que acompanha a doação da origem, ou seja, o desvelamento, a cada vez, do ser, ou, no âmbito da conferência, o desabrochar da *physis* na clareira. Esta saga, ou seja, esta palavra que vislumbra a origem e narra sua doação, se encontra nos fragmentos de Heráclito, nas palavras fundamentais do pensamento grego: *physis*, *aletheia*, *logos*. Dessa forma ele vai esclarecendo o que significa o pensamento originário na aurora do pensamento grego e o seu a-se-pensar.

Mas qual seria a real necessidade de precisar a diferença entre o pensamento originário e o pensamento posterior da metafísica? Por que Heidegger prefere caracterizar Heráclito como pensador originário e não como pré-socrático?

Essa pergunta se faz necessária pelo esforço de Heidegger, nos primeiros parágrafos, de contrapor o pensamento originário ao metafísico. É importante, tanto reconhecer a diferença entre um e outro, como, sobretudo, indicar o próprio do a-se-pensar originário. O pensamento originário pensa a origem, é uma visão das essências, se dispõe para a verdade do ser; encontra-se a um passo antes da dialética, da analítica e da comparação entre conteúdo. Propriamente, pode-se dizer, é (foi e será) o despertar para a manifestação do ser em seu acontecimento apropriador. E, nestes termos, mais do que uma proposta de um modelo de pensamento no seio da filosofia, tal pensamento se constitui como o reconhecimento do horizonte em que se abre toda e qualquer visão compreensiva, toda e qualquer visão para o ser e para o desvelamento do ser no qual o ente se mostra. Aos poucos essa compreensão vai ficando clara ao longo do texto.

Enquanto “um passo antes”, isto é, enquanto reconhecimento do horizonte constitutivo de uma compreensão de ser, o pensamento originário é o pensamento antecipador. Ele funda e constitui o pensamento ocidental, decai na “filosofia/metafísica”, e se vela no esquecimento, sem deixar de ser o fundo mobilizador da história ocidental. “Decair na metafísica” refere-se ao início do esquecimento do horizonte de ser e a passagem para a interpretação do ser a partir da perspectiva do ente, e neste sentido uma inversão de horizontes. Por isso, o pensamento da origem, ou a visão da verdade do ser, acontece como arché do pensamento ocidental, e que esquecido em seu horizonte de origem vai se consolidar com Sócrates, Platão e Aristóteles

enquanto busca de determinação das essências, ou seja, do ser dos entes – a metafísica. Nesta dimensão, uma interpretação corriqueira e banalizada da filosofia diz sobre o ser: o ser *é*, o não ser *não é*, remontando esse pensamento a Parmênides. O que essa compreensão vulgar indica é que, tradicionalmente, a filosofia, em sua forma metafísica, pensa a distinção e contradição irreconciliável e excludente entre ser e não ser, verdade e não verdade. Na forma da dialética esta contradição buscou ser resolvida através de um processo de conciliação e síntese dos opostos. Mas o encobrimento nunca é secundário e nem artifício para uma síntese; o encobrimento é essencial e numa relação essencial com o surgimento e o desencobrimento.

Anaximandro, Parmênides e Heráclito não são para Heidegger pré-socráticos no sentido de uma filosofia nascente, necessitada de maturação e que estivesse a caminho de uma elaboração mais sofisticada de suas teses, contribuindo apenas como ensejo para o modelo de filosofia que se configura posteriormente. Eles são pensadores originários, porque o vigor de seu pensamento é a antecipação da questão do ser, a questão fundamental da filosofia, enquanto reconhecimento e indicação desse horizonte (a verdade do ser), apesar de decair e ficar obnubilada pela determinação do ente. Se os pensadores originários antecipam toda a filosofia posterior, não é no sentido de um desenvolvimento progressivo da filosofia, mas na indicação e no reconhecimento de sua questão fundamental, mesmo que em sua errância ela se encontre esquecida. Pré-socráticos indicaria uma continuação, sendo, para Heidegger, muito mais um esquecimento, um desvio, uma queda, enfim, uma desorientação da questão originária.

Assim, o pensamento originário, em sua aurora, vibrou (e vibra) e conservou (e conserva) um vigor essencial para o próprio pensamento ocidental em seu despertar espantoso para a origem, configurando-se numa amizade pelo a-se-pensar denominada *philia tu sophu*, “amizade pelo que constitui o a-se-pensar”⁶. Nesta aurora, neste espanto de pensamento, nesta amizade pelo que constitui o a-se-pensar, a palavra de Heráclito mira e vê a *physis* (surgimento), a *zoe* (vida), o fogo, a *eris* (luta), o jogo. Palavra que se encontra, também, numa relação de proximidade e de proteção pela deusa Ártemis, a deusa da *physis*. Cada palavra dessas, assim como os sinais de Ártemis, já carregam em si mesmas a própria inteireza e, essencialmente, o encobrimento que lhe constitui. Tais palavras não buscam nomear coisas diferentes apenas, dentro de um sistema de pensamento, como se poderia supor de um conjunto de palavras da doutrina de Heráclito, mas, ao contrário, pois busca dizer a diversidade do Mesmo, ou seja, os diversos aspectos da força vigorosa e essencial da *physis* e de seu nexos ontológico com a *aletheia*.

⁶ HEIDEGGER, Martin. Heráclito, p. 17.

Na conferência supracitada, a reunião dessas palavras, num primeiro momento, acontece com a exposição de duas estórias legadas pela tradição filosófica a respeito desse pensador “pré-socrático”, o “obscuro” Heráclito. A intenção de Heidegger é apreender a atmosfera própria do pensador e de seu pensar, ou seja, o âmbito próprio de onde surge sua palavra. É o primeiro passo para introduzir o pensamento de Heráclito a partir de seus fragmentos, com tradução e interpretação própria. Não possuindo caráter biográfico, essas estórias tinham a intenção didática, como introdução do pensar da conferência como horizonte primeiro de sentido para todos os outros desdobramentos de significação destas palavras fundamentais. Por fim, na apresentação dessas palavras, começa a aparecer a concentração entorno do sentido de *physis e aletheia*, da relação essencial de ambas, apreendido já no que vai ser considerado como o primeiro fragmento, de uma sequência de dez, sendo o mais decisivo, por ser o fio condutor e orientador de todo o texto. Aqui, o encobrimento já se expõe, plenamente, em desencobrimento. O fragmento é o de número 16: “como alguém poderia manter-se encoberto face ao que a cada vez já não declina?”⁷

2.2 As palavras fundamentais do pensamento originário: *physis e aletheia* e a distinção de natureza e verdade no âmbito da metafísica

Heidegger pensa o sentido de *aletheia e physis* a partir do sentido de encobrimento. Na prelação de 1943, sobre a palavra de Heráclito, o pensador de *Ser e tempo* vai caracterizar a *aletheia* e a *physis* a partir da experiência do pensamento originário em confronto com a interpretação da tradição filosófica que o considera pré-socrático, isto é, que pensa dá início a reflexão do ser “das coisas”. A metafísica ocidental se estrutura através do esquecimento da diferença entre ser e ente. O acirramento dessa diferença acontece com a Modernidade. Para expor o modo da experiência moderna de compreender e se relacionar com a verdade e a natureza, o filósofo alemão recorre a experiência grega de origem com relação a *aletheia* e a *physis*.

Verdade e natureza são as palavras latinas que traduzem as palavras gregas, *aletheia e physis*, respectivamente, apesar das palavras latinas constituírem, para Heidegger, horizontes de sentidos derivados dos horizontes das palavras gregas. Estas buscam abarcar os significados *de ser* em seus modos e desvelamentos, enquanto as latinas se deslocaram para a relação

⁷ Ibid., p. 61

predicativa e determinante com os entes. A derivação na história ocidental só foi possível porque a indiferenciação de ser e ente impediu a tradução ser questionada. A função dos dois primeiros parágrafos, já citados no tópico anterior, não é apenas de introdução e caracterização inicial sobre a *physis*, e sua relação com a *aletheia*, mas, também, de aproximar o horizonte originário dessas palavras através da concentração de outras palavras fundamentais do pensamento “pré-socrático”.

Na concentração entorno da palavra *physis*, em seu centro concêntrico de atração-retração, aparecem as palavras fogo, luta, jogo, cosmo, vida. Essas palavras são aspectos da *physis*. Todas elas estão “dentro” da *physis*, ou dizem o mesmo que *physis*, aclarando um aspecto essencial do extraordinário surgimento a partir do encobrimento, assim como de sua relação com a *aletheia*, ou seja, da relação com o encobrimento descobridor da clareira. A diferença entre essas palavras fundamentais refere-se à essência da *physis*, cada vez vista de um modo específico, revelando as condições e os modos de seu aparecimento em meio à clareira da *aletheia*.

A palavra *fogo*, diz: a luminosidade que aparece e se espraia como um raio, clareando e doando a medida ao aberto. Já *luta*, a relação essencial dos contrários que se arrastam numa retração-atrativa e numa atração-retrátil, conduzindo o jogo-jorro do aparecimento na *junção inaparente* (harmonia) de surgimento e encobrimento. Por *jogo* entende-se o jorrar, o lançar, arrastar, enfim, a movimentação temporal do *arranjo originário*, este compreendido como *cosmo*, ou seja, enquanto a própria força de *physis* – *o sempre surgir desde o favor (philia) do encobrimento*.

Além disso, Heidegger mostra a proximidade do pensador Heráclito com a deusa Ártemis, que é a deusa da *physis*. Não porque Heráclito era natural de Éfeso e de que haveria um santuário em homenagem a deusa nessa região e que, por isso, sua proximidade com a deusa se justificaria por ser como um cidadão que honra a protetora de sua cidade. Ao contrário, a honra advém de suas palavras que pensam, incansavelmente, a *physis* e seus sinais. Ártemis, a deusa da *physis*, também possui sinais. Heidegger pensa os sinais da deusa em consonância com as palavras de Heráclito. O arco e a lira, por exemplo, referem-se ao jogo das flechas e das cordas, e esse jogo é a relação essencial de vida e morte e da harmonia dos contrários. Muitos são também os epítetos de Ártemis como a *portadora da luz*, a *fosfórea*, ou a *caçadora*, ou, também, a *altaneira*. Todas elas trazem a remissão as essências da *physis*. A representação da deusa com as tochas nas duas mãos (a *fosfórea*) traz, de novo, a referência à essência do fogo e da luz: a clareza que se espraia e de onde todo ente aparece enquanto tal. A caçadora com seu arco refere-se à essência da vida e da morte e da relação dos contrários. E sua postura, sempre erguida

e altaneira, reforça e mostra a essência do aparecimento grandioso e elevado da *physis*, ou seja, seu desabrochar pela amplitude da clareira.

As palavras de Heráclito são como sinais. A deusa da *physis*, Ártemis, possui seus sinais. A *physis* em si mesma se revela através de sinais. A essência do sinal é o encobrimento descobridor. Pensando os sinais da *physis* e todos os sinais de que a revelam, Heidegger entende a *physis* enquanto um *surgimento incessante desde um encobrimento*. Esta é uma expressão que já se encontra muito próxima em sua preleção, sendo sublinhada por Marcia Schuback, em suas considerações relativas à tradução da obra (Heráclito)⁸, e colocada por Marlene Zarader: “é o desabrochar surgindo do desvanecimento.”⁹

Assim, a expressão referida acima – *um surgimento incessante desde um encobrimento* – busca apreender, numa visão e numa síntese, o sentido de *physis* para a experiência grega na aurora do pensamento originário: um ininterrupto “nascer e desabrochar,”¹⁰ um “surgir e espriar-se simultaneamente numa abertura e clareira.”¹¹ A experiência grega não esquece, contudo, que *physis* é, ao mesmo tempo, o que se encobre, se vela e declina. Nela há uma contradição essencial. É dessa experiência que Heidegger questiona: “o que haveria, então, de suceder com o surgir, desprovido de todo e qualquer relacionamento com o encobrir-se?”¹² Em sua investigação o encobrimento não é apenas condição do surgimento, mas, principalmente, o modo como se constitui o nexos, ou seja, a relação essencial entre surgimento e encobrimento, proporcionada pela *philia* (o favorecimento propiciador), pois é ele que vai determinar o sentido de *physis* enquanto um surgimento desde um encobrimento.

Aparece, desse modo, uma ambiguidade inerente à própria *physis* e o seu aspecto verbal: apesar de surgimento e encobrimento serem correlatos de uma relação, são também a própria relação que acontece na *physis*. Assim, a *physis* indica para Heidegger, tanto a relação essencial (*philia*) de surgimento e encobrimento, quanto o surgimento incessante que essa relação propicia – o jorro originário da *physis*. E, enquanto jorro originário de aparecimento em si mesma, enquanto um surgir e espriar-se no fundo velado da clareira, a *physis* não está sendo pensada como ente (totalidade dos entes) e nem como a essência dos entes. Ela não designa o nome de um substantivo, seja ele concreto ou abstrato. Na tradução e interpretação dos fragmentos de Heráclito, Heidegger observa que o caráter morfológico das palavras, tanto em seu aspecto nominal, quanto participial, não perdem de seu horizonte o significado verbal. Isto

⁸ HEIDEGGER, Martin. Heráclito, p. 413.

⁹ ZARADER, Marlène. Heidegger e as palavras da origem, p. 55

¹⁰ HEIDEGGER, Martin. Heráclito, 1998, p. 31

¹¹ Ibid., p. 31.

¹² Ibid., p. 148.

vale, sobretudo, para o pensamento originário. Harmonia, fogo, jogo, cosmo, vida ou, numa palavra: *physis*, mesmo quando se encontram morfologicamente como participípio ou nome, carregam a força dos verbos que a constituem, ou seja, são pensadas no sentido verbal. Isto fica claro na recondução da problemática da filosofia antiga, através de Platão e Aristóteles, sobre a questão do ser dos entes. A pergunta filosófica *o que é o ente? (ti to on)* é a pergunta pelo ser do ente ou pelo ente na perspectiva do ser. Morfologicamente a palavra *to on* (o ente) é o participípio do verbo *to einai* (o ser). Mas quando os filósofos pensam o *on* estão pensando o *einai*, mesmo quando se pensa o ente, busca-se, na verdade, o ser. Isto vale para todas as formas participiais como *dynon*, *aeizoon*, *phyon* etc., pensadas, não apenas como participípio, mas, também, em seu significado verbal. É por isso que Heidegger afirma durante todo o texto que as palavras fundamentais do pensamento grego – *physis*, *zoe*, *philia*, *kryptesthai* etc. - são palavras do ser e, enquanto palavras do ser, estão pensadas a partir de seu aspecto verbal-temporal:

O participípio *to on*, o ente, o ser, é o participípio de todos os participípios, porque a palavra “ser” é a palavra de todas as palavras. [...] então com ela se pensa e nomeia a palavra ser, o que significa que se compreende “verbalmente”. Em vez de *verbum*, verbal, expressão dos gramáticos latinos, dizemos *Zeitwort*, palavra-do-tempo. Como palavra de todas as palavras, a palavra ser é, portanto, propriamente, a palavra originária-do-tempo. Como palavra de todas as palavras, ser, esta palavra-do-tempo nomeia “o tempo de todos os tempos”. Ser e tempo pertencem um ao outro de maneira originária.¹³

O mesmo acontece com a “verdade” na filosofia heideggeriana, pois nela o sentido de *aletheia* é visto a partir da contraposição do sentido tradicional de verdade na filosofia ocidental, qual seja, verdade é concordância do enunciado e com o objeto, ela é definida como certeza e “caráter do conhecimento.”¹⁴ Porém, aqui, no texto *Heráclito*, a discussão de *aletheia* se atem aos modos de desencobrimento e descobrimento na relação com a *physis*, ficando restrita a poucas passagens espalhadas no §8.

Encontramos também no texto *Aletheia (Ensaio e conferências)* uma pequena passagem, mas de suma importância, sobre a *aletheia* e seu nexos com a *physis*. A *aletheia* é pensada como a palavra não-dita no âmbito das palavras de Heráclito sobre a *physis*. Heidegger procura demonstrar em que sentido ela não é dita, mas que já se faz pensar em meio à compreensão da

¹³ HEIDEGGER, Martin. *Heráclito*, p. 74

¹⁴ *Ibid.*, p. 185.

physis, na saga da palavra de Heráclito. Por isso, a compreensão da *aletheia*, como desencobrimento e descobrimento, está sempre latente e sendo indicada, por vezes, nas interpretações dos fragmentos escolhidos pelo filósofo alemão para a discussão dos modos de desvelamento da *physis* enquanto um surgimento favorecido pelo encobrimento. Isso porque todo e qualquer surgimento só se faz possível e visível através da clareira e de seu encobrimento descobridor. A filosofia entendida como a amizade pelo que constitui o a-se-pensar é, no fundo, o reconhecimento da visão da clareira e do surgir que nela se abriga: em seu des-*coberto*.

Com isso, o não-dito do pensamento de Heráclito, a *aletheia*, é o lugar de onde a verdade do ser acontece enquanto destinação histórica. O que o texto sobre Heráclito traz de específico, no âmbito do pensamento heideggeriano sobre a *aletheia*, enquanto descobrimento, desvelamento, já discutido em *Ser e Tempo*¹⁵ - parágrafos §7 e §44, é a virada de visibilidade para se pensar o nexos ontológico entre *aletheia* e *physis*. Nesse nexos aparece a relação recíproca entre o manter-se *aberto do des-cobrimento (aletheia)* e o *desencobrimento de ser (physis)*, assim como, a relação com o *encobrimento* que funda e constitui ambos, *des-cobrimento (aletheia)* e *surgimento (physis)*.

Por outro lado, a experiência do pensamento moderno entende natureza não como surgimento, um constante aparecimento, mas como a essência interior das coisas ou como a totalidade aglomerada dos entes. Seu caráter substantivado aparece aflorado na representação de objeto para a consciência de um sujeito ou um eu subjetivo. O entendimento de *physis*, como natureza decai em um sistema de objetos e forças entre esses objetos. Nessa perspectiva, cada ciência da natureza se instala a partir de seu objeto específico, onde cada propriedade do objeto deve aparecer de modo claro e distinto e, com isso, numa relação de certeza com o que está simplesmente dado, com seus resíduos objetivos delimitados, encobrindo qualquer caráter verbal ou horizonte temporal de seus entes. Tudo passa ser explicado como um sistema mecânico de forças, entre causas e efeitos, gerador dos ciclos e das mudanças. O tempo de cada coisa, seu verbo, é como que “empurrado para ser” pelo ente e pela sua “essência” imutável, mas geradora de mudanças enquanto causadora de efeitos sobre outros entes.

O que para nós aparece como processos da natureza, para os gregos só se torna visível à luz da *physis*. A moderna ciência da natureza faz uma experiência oposta a essa. Para ela, o surgimento de um grão, por exemplo, é um processo químico inserido no conjunto das forças e das unidades componentes de uma causalidade recíproca, mecanicamente entendida, entre a coisa semente, as propriedades do solo e a irradiação do calor. A representação moderna só consegue ver um sistema mecânico

¹⁵HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*, 2015, p. 65 – 79, p. 282 – 302.

de causa e efeito entre processos químicas que têm por consequências determinados resultados.¹⁶

¹⁶ HEIDEGGER, Martin. Heráclito, 1998, p. 102

3 A *PHYSIS* EM SEU DESABROCHAR: O ENCOBRIMENTO EM DESENCOBRIMENTO

3.1 *Physis*: surgimento e encobrimento

A palavra fundamental da preleção, *A origem do pensamento ocidental*, é a palavra encobrimento, porque Heidegger a pensa como palavra do ser, na relação com o surgimento e o desencobrimento. Encobrimento diz a cobertura essencial de todo surgimento (*physis*) e de todo desencobrimento (*aletheia*). Encobrimento é o *de onde*, a cada vez, o desvelamento de ser acontece, eclode como um desabrochar, um surgir e espriar, aparecendo, ao mesmo tempo, em toda a clareira. Na discussão sobre a *physis* as palavras gregas que significam o encobrimento são *dynon* e *kryptesthai*.

O encobrimento mantém-se em todo surgir como o encobrimento descobridor, ou seja, a *aletheia*. Ao mesmo tempo, mantendo-se como encobrimento descobridor, ele está sempre se desencobrando, num surgimento – a *physis*. Ou seja, quando Heidegger pensa o encobrimento ele pensa o *encobrimento descobridor* (*aletheia*) e *em desencobrimento* (*physis*), pois essa relação é, ao mesmo tempo, um desvelando desvelado (*physis-aletheia*) ou um desvelado desvelando (*aletheia-physis*) e, no fundo, *re-unidos* pelo simples encobrimento, os dois como *Um*, um vice-versa entre o desvelado e o desvelando, entre o descoberto e o desencobrando. *Tudo sendo*, ou seja, a partir de ou desde um encobrimento descobridor e em desencobrimento. Tudo sendo verdade do ser, origem.

Para se pensar o destampado destampando Heidegger escolheu o fragmento 16 de Heráclito: τὸ μὴ δῦνόν ποτε πῶς ἄν τις λάθοι;¹⁷ (*como alguém poderia manter-se encoberto face ao que a cada vez já não declina?*). Este é o primeiro fragmento de uma sequência de dez e o guia de toda interpretação heideggeriana para o entendimento da *physis* no pensamento originário. Trata-se, também, do primeiro passo para compreender o vigor de seu desabrochar: o encobrimento em desencobrimento

Inicialmente Heidegger explicita a expressão τὸ μὴ δῦνόν ποτε (*to me dynon pote*) – que significa *o que a cada vez já não declina*. Ele concentra sua interpretação na palavra *dynon* – o que declina, declínio e, principalmente, declinar (δύνειν), que indica o significado verbal da sentença e do *a-se-pensar* do pensamento de Heráclito. Declinar, por sua vez, significa *adentrar*

¹⁷ HEIDEGGER, Martin. Heráclito, p. 61.

o encobrimento. Heidegger recorre às várias formas morfológicas (verbal, nominal, participial etc.) dessa palavra, na língua de Homero e Píndaro, como testemunho da experiência grega de ser. Por exemplo, ele faz referências ao pôr do sol, ao seu declínio e encobrimento, ou ao seu adentrar nas nuvens, desaparecendo atrás das nuvens.

Mas, pensado de modo grego, no sentido de “adentrar o encobrimento”, “declinar” não é, de modo algum, não mais ser e não ser. Pensado de modo grego, ou seja, experimentado originariamente no sentido de adentrar o encobrimento, “declinar” é bem mais “um” ser, ou até mesmo o ser. [...] De todo modo, a palavra originária nos exige que pensemos o “declinar” e o “declínio” como “**adentrar o encobrimento.**”¹⁸ (grifo nosso)

O adentrar o encobrimento, o encobrir, refere-se, simplesmente, a um ocultar, velar, encobrir. Apenas isso. E por quê? Porque visto que ir além já é supor, já é especulação. Encobrir não diz fim, acabar, excluir, aniquilar, ou qualquer coisa do tipo, em relação ao que se encobriu. A questão não é sobre “o que” se encobriu, mas sobre o encobrir, o verbo. Ou seja, encobrir não diz um *não ser* no sentido de deixar de existir, deixar de ser. Nada se pode dizer nesse sentido. Encobrir diz, apenas, adentrar o encobrimento, mantendo-se velado, encoberto. Por isso, toda tentativa de interpretar esse encobrimento (velamento, ocultamento) já ultrapassa o sentido primordial do adentrar o encobrimento. E não é isso que está se discutindo. Trata-se mais do *reconhecimento* de que *há* um *encobrimento* como horizonte para todo aparecer e desaparecer e, conseqüentemente, para uma visão compressiva, ou, simplesmente, para a *compreensão de ser*.

Quando se olha um horizonte, por exemplo, acompanhando o pôr do sol e o seu declinar em meio à tarde-tardinha, onde as tonalidades das cores do poente se alternam, ou olhando o azul-profundo do céu, onde nuvens aparecem e desaparecem em meio ao imenso azul celeste, ou vendo as grandes baixas dos leitos dos rios circundadas pelos morros e fazendas distantes, onde as aves, em seus voos, desaparecem em meio ao profundo horizonte, em tudo isso, o que se busca indicar, é o sentido de adentrar o encobrimento enquanto um sair da abertura de um horizonte, o constante encobrir e desaparecer, simplesmente. As cores alternam-se durante o poente, as nuvens desaparecem em meio ao azul, os pássaros se encobrem no horizonte. Por outro lado, veremos, que adentrar o encobrimento não diz apenas desaparecer e encobrir, mas, também, *surgir e aparecer desde o encobrimento*. Porém, numa primeira interpretação, deve-

¹⁸ Ibid., p. 66 - 67

se, apenas, apreender o sentido de desaparecer, ocultar, velar e encobrir de todo adentrar o encobrimento. Este é o primeiro entendimento da palavra *dynon* (δύνειν na forma verbal), traduzida, por Heidegger, como adentrar o encobrimento.

Como, agora, o sentido de adentrar o encobrimento pode ser pensado como surgir e aparecer desde o encobrimento? Os termos *to me* e *pote* da expressão *to me dynon pote*, o que a cada vez já não declina, foram traduzidos por *já não* (*to me*) e *a cada vez* (*pote*). O termo *to me* é uma negação; já o *pote* é uma partícula do tempo e significa: a cada vez, sempre. *Me – pote*: já não – a cada vez.

O que significa o *já não*? A negação do *já não* difere de uma negação direta sobre algo. Tipo: se esse algo se encontra ou não presente, por exemplo. Nem sobre algumas de suas características estarem ou não de acordo com o observado ou esperado. A negação não diz a constatação pura e simples de um não ser: “não é isso”, “não é aquilo”. O filósofo indica que a negação do *já não* tem o sentido de que “aquele que faz a experiência da negação quer se ver afastado dela, isto é, do que se nega.”¹⁹ E continua: “O que se procura dizer dessa forma é percebido como o que por preço algum, por tudo no mundo, não é um declínio.”²⁰ Trata-se da negação de uma experiência de ser, do afastamento de uma possibilidade. Qual seja? A de adentrar o encobrimento, declinar, desaparecer. Já não adentra o encobrimento. Isto expõe, por sua vez, uma dupla negação da sentença e o seu sentido positivo, pleno de essência, pois declinar enquanto adentrar o encobrimento é um velar, um ocultar, desaparecer da presença, e é justamente essa possibilidade “negativa” que se nega. Ou seja, a dupla negação expõe a profusa exposição ao fora do encobrimento e, sobretudo, em seu vigor de aparecer, emergir, surgir (para) fora do encobrimento, expresso na palavra *pote* – o a cada vez, o sempre, do já não adentrar o encobrimento.

A palavra *pote* é o termo que indica o aspecto temporal do *já não* enquanto um, a cada vez, sempre, da experiência de ser que se nega em vista da profusão do aparecimento. Sempre, a cada vez, já não declina, isto é, sempre, a cada vez, já não adentra o encobrimento, ou seja, já se expõe para fora, expondo-se, emergindo, surgindo desde um encobrimento. O sempre, o a cada vez, enfim, o *pote* dimensiona a profusão da essência, o constante, incessante surgir e, por isso, o nunca declinar, o nunca adentrar o encobrimento.

Mas é importante ressaltar que o encobrimento permanece como nexos essenciais tanto para *o adentrar* como para *o surgir desde*. Assim, ele não se apaga na dupla negação da expressão

¹⁹ HEIDEGGER, Martin. Heráclito, p. 99 - 100

²⁰ Ibid., p. 100

to me dynon pote – o que a cada vez já não declina – mas, ao contrário, ele se expõe, com toda sua força, como o nexos essencial com o surgimento, sendo o encobrimento em desencobrimento.

Mas se sempre surgir, a φύσις, vira as costas para alguma coisa, e até se vira contra alguma coisa, se em sua essência o sempre surgir não conhece alguma coisa e não deve conhecer, então sempre surgir já é encobrir-se e já adentra o encobrimento. Só que agora Heráclito diz: surgimento já favorece encobrimento. [...] Se em todo vigor de sua essência φύσις pertence ao encobrimento, será então que em sua essência surgimento é encobrimento e surgir um declinar?²¹

Como compreender essa contradição inerente da *physis*? Como compreender a ambiguidade essencial da *physis*, na qual se diz, ao mesmo tempo, nessa palavra, tanto surgimento quanto encobrimento? Que tipo de relação e favor permeia a essência da *physis*? Primeiro é importante reconhecer que a *physis* é, no fundo, surgimento e encobrimento (o mesmo) para o pensamento originário. Na palavra de Heráclito essa relação se expressa através da *philia* (*philein*), no fragmento 123: φύσις κρύπτεσθαι φιλεῖ²² – *physis kryptesthai philein* (surgimento favorece o encobrimento).

3.2 *Philia*: favor e propiciação da unidade originária da *physis*

Consideramos que a *physis* seja a palavra fundamental do pensamento originário. Nela há uma contradição essencial, pois a *physis* tanto se refere ao surgimento, quanto ao encobrimento. Contudo, essa contradição não é compreendida como processo de sequência e sucessão entre um e outro, entre surgimento e depois encobrimento, onde um começa e outro termina. A *physis* é surgimento e encobrimento ao mesmo tempo, sendo o mesmo enquanto uma relação essencial. Isto significa que na *physis* surgimento permanece surgimento, encobrimento permanece encobrimento e, mesmo sendo correlatos de uma relação, sendo diferentes, são também a própria relação e, assim, um é o outro. Como podemos compreender essa contradição?

Na palavra de Heráclito encontra-se um fragmento que abre, na estranheza de seu anúncio, a visão da contradição essencial da *physis*: φύσις κρύπτεσθαι φιλεῖ - surgimento favorece o encobrimento. Nesse fragmento aparece uma terceira palavra fundamental na

²¹ Ibid., p. 122 - 123

²² HEIDEGGER, Martin. Heráclito, p. 122

conjugação de surgimento e encobrimento. O favorecimento, o favor – φιλεῖ. Ela é fundamental, também, porque faz parte do vocabulário inicial dos pensadores originários para caracterizar a origem. *φιλία τοῦ σοφοῦ*, *philia tu sophu*, amizade pelo que constitui o a-se-pensar. No fragmento 123, a *philia*, o verbo *philein*, Heidegger traduz como o favor, o favorecimento que propicia e preserva a essência. *Philia* indica a relação de surgimento e encobrimento, onde um propicia e preserva a essência vigorosa do outro, à medida que, liberada pelo outro, cada um se mantém em si mesmo. E neste sentido, ambos se encontram, ao mesmo tempo, no favorecimento e no favor da relação, propiciando e preservando o outro e a relação para a liberdade de ser. Assim, a essência da *physis* é a *philia* enquanto o favorecimento propiciador e preservador de surgimento e encobrimento. Por isso, a relação de surgimento e encobrimento não é pensada como relação de causa e efeito entre duas coisas simplesmente dadas e nem no sentido de uma ordem, onde primeiro se posiciona uma coisa, e, depois, na sequência, uma segunda que a contradiz e lhe segue como efeito.

Porém, na tradição do pensamento ocidental, a *philia* sempre foi traduzida como amor, amizade, prazer. O filósofo indica que a tradução do fragmento 123, nas diversas edições da obra *Os fragmentos dos pré-socráticos*, por mais que se diferenciem, mantem o significado comum de *a natureza (essência) ama esconder-se*²³ ou *a essência das coisas tem prazer em ocultar-se*²⁴. Observa que na palavra “filosofia” também se costuma traduzir *philia* por amor à sabedoria. Todavia, ele não nega que essas traduções da filologia estejam corretas e exatas na perspectiva da gramática grega tardia. Ele apenas questiona de onde elas são interpretadas e nos lembra que a metafísica nietzschiana da vontade de poder entende e subsume todo o real enquanto aquilo que pode ser garantido e assegurado pela vontade. O filósofo ainda nos lembra que desde o pensamento moderno a metafísica contemporânea guarda a ideia moderna de subjetividade e objetividade como a relação incondicional de toda determinação do ente e do asseguramento do real, na qual a vontade emerge como seu último estágio. Daí ele questiona se a base dessa interpretação poderia abranger a contradição essencial da *physis* pensada originariamente. Isto porque no pensamento originário a *physis* é uma palavra utilizada para se referir ao surgimento e ao modo de des-encobrimento do ser e não a um ente, nem, muito menos, a um objeto para a consciência de um sujeito.

Pensando a partir do que Heidegger denomina como pensamento originário, caberia pensar a *physis* como “natureza” e *philia* como “amor”? Quando a palavra *physis* é traduzida

²³ HEIDEGGER, Martin. Heráclito, 1998, p. 131

²⁴ Ibid., p. 131

como “natureza” ou “essência das coisas” e a *philia* como “amor” ou “prazer” desde um “querer,” ou seja, enquanto uma introyecção da vontade que vinca a relação sujeito-objeto, podemos dizer que prevalece o esquecimento da *philia*, entendida, essencialmente, como relação de favor e propiciação da *unidade originária* da *physis* ou, em outras palavras, da manifestação do ser.

É possível que um dia, por sua falta de base, possa desaparecer a concepção nem um pouco ingênua, mas inteiramente idiota, de que o pensamento de Heráclito atribui à φύσις um φιλεῖν porque pensa ingênua e primitivamente, e, assim, imprime ao mundo um caráter “antropomórfico”. Pois na afirmação de que o fragmento de Heráclito estabelece uma antropomorfização da “natureza” esconde-se a pretensão de que o mundo, e sobretudo o homem, ocupem obrigatoriamente o lugar de decisão. Em lugar de exigir a nossa subjetividade e o saber-melhor da metafísica, devemos levar a sério a palavra de Heráclito.

O que significa levar a sério a palavra de Heráclito? Primeiro significa pensar a contradição a partir da *philia* como anuncia o fragmento: surgimento favorece o encobrimento (φύσις κρύπτεσθαι φιλεῖ). Segundo reconhecer que surgimento favorece, propicia, preserva o encobrimento, e, nesse favorecimento, recebe do encobrimento a garantia de sua própria essência. Trata-se da garantia do *favor recíproco* que propicia ambas as essências. “Um favorece o outro”²⁵, diz Heidegger em diversas passagens. Terceiro: reconhecer também que na relação propiciadora com o surgimento, o encobrimento – *kryptesthai* – é um fechamento. O encobrimento vigora como um *fechar-se*, mantendo abrigado em sua essência o incessante surgimento. Pode-se, assim, pensar o encobrimento como a cobertura de um horizonte *profundo*, onde o fechar-se e o constante encobrir se configuram como o fundo e a condição que sustentam todo campo de visão, e, sobretudo, de onde a visão do ser (compreensão de ser) é possível. E, por fim, reconhecer que esta relação é o *modo* como a *philia* favorece o constante desabrochar da *physis*, pois ela, enquanto relação de favor e favorecimento, propiciando e preservando surgimento e encobrimento, ela (a *philia*, o favor) é propriamente a *unidade originariamente unificadora* da *physis*. Por isso Heidegger afirma que ela nem coincide com a *physis* e nem é um terceiro elemento externo ao surgimento e encobrimento. O favor é apenas *o modo* da relação *una* entre surgimento e encobrimento, porque “o modo essencial do favorecer é surgir e encobrir-se.”²⁶

²⁵ Ibid., p. 145

²⁶ Ibid., p. 145

Pensando a partir da unidade originariamente unificadora do favor, Heidegger dá mais um passo para aprofundar e adentar na essência da *physis* enquanto *junção inaparente* - ἀρμονία ἀφανής. Ou seja, a unidade originariamente unificadora do favor, que é a relação intensa e vigorosa, já discutida, entre surgimento e encobrimento, agora, é entendida como *harmonia* ou *junção inaparente e clareadora* da *physis*, que se apresenta como a “interioridade da simples diferenciação.”²⁷

3.3 *Physis e harmonia: a junção inaparente, clareadora e arrastadora*

Heidegger pensa a *physis* como um surgimento incessante desde um encobrimento. *Physis* é palavra do ser no pensamento originário. Tanto inclui surgimento como encobrimento, pois ambos estão conjugados pela *philia*, o favor que propicia e preserva ambas as essências e, com isso, preserva a *physis* enquanto puro surgimento. Assim o favor conjuga, estabelece uma conjunção, mas não uma conjunção qualquer. Não se refere a coisas juntas no espaço, não se refere ao ente. O caráter próprio dela é ser uma unidade originariamente unificadora, reforçando a ideia da ambiguidade originária da *physis*, onde surgimento e encobrimento são o mesmo e, ao mesmo tempo, diferentes, por serem os membros correlatos de uma relação.

A *unidade da physis* a partir da *philia* (favor) é pensada como *harmonia* (junção). A *harmonia da physis* refere-se ao caráter *uno* da junção, ao Um (ἓν)²⁸, ao Mesmo no surgimento e no encobrimento. O originário refere-se ao *a cada vez e sempre* da junção e ao *já não* enquanto o que sempre surge *desde um e abrigado no* encobrimento. Por fim, a unidade originária é unificadora porque o uno, o um, não é o símbolo matemático da unidade encerrada em si mesma, que dá início a uma série aritmética e que exclui de si todo outro, nem algo estático e fixo. O próprio da unidade é unir e fazer a cada vez uma junta e juntura, ou seja, o que diz a palavra ἀρμός. Heidegger diz que o essencial da ἀρμονία (*harmonia*) está “no ἀρμός, na junta e juntura em que um interpenetra o outro, em que ambos fazem uma junta na juntura, de maneira a estabelecerem uma junção.”²⁹ Isso revela a *dis-junção* essencial da *physis*, ou seja, que a diferença entre surgimento e encobrimento não se apaga na junção. Por isso, a pergunta: como compreender a junção do favor que propicia a *physis*?

²⁷ Ibid., p. 145

²⁸ Ibid., p. 140

²⁹ Ibid., p. 140

Pensando a partir da junção, enquanto unidade originariamente unificadora, surgimento e encobrimento “surgem” ao mesmo tempo. Isto já indica que o encobrimento não é algo que vem depois, que aparece depois do surgimento, mas que ambos acontecem juntos, fazendo e estabelecendo uma junção. A *dis*-junção essencial permanece e vigora na junção, onde o encobrimento é a guarda que propicia o jorro originário e o espriar da *physis*, o que significa dizer que ele é, propriamente, o encobrimento em desencobrimento. O pensamento de Heidegger sobre a verdade do ser aponta para esse desencobrimento integral do encobrimento, a cada vez, e do aparecimento da totalidade enquanto a unidade (Um) originariamente unificadora.

Na proposta do filósofo, a junção traduz a palavra grega *harmonia* que encontramos no fragmento 54, de Heráclito. Considerado o terceiro na ordem de interpretação, o fragmento diz: ἄρμονιή ἀφανής φανερῆς κρείττω – “junção inaparente supera em nobreza a junção que clama pela aparência. [...] a φύσις é o inaparente.”³⁰ O que isso significa, ou seja, o que significa a junção inaparente da *physis*?

Heidegger também diz que a *physis* é o surgimento *puro e simples*. Estes adjetivos predicados a sua essência indicam o inaparente. Numa primeira visão, o que se avista de imediato não é a *physis*, mas o desvelado, o ente. Toda visão indica, também, um “piscar de olhos”, uma percepção imediata mesmo quando não piscamos, mas apenas abrimos os olhos. Ou mesmo, quando já abertos, a visão “continua vendo”, continua apreendendo, num “re-lance”, todo um campo de visão. E por mais rápido que seja o lance do olhar (ou o piscar de olhos), sempre há um horizonte ofertado para a visão, e não porque ele esteja dado como uma atualidade perene, mas porque simplesmente já surgiu e se abriu para a visão. Ou seja, o *puro e simples* surgimento sempre oferece antes um amplo e aberto horizonte para toda percepção imediata do olhar. Ele mesmo é inaparente para a visão e seu “piscar”, porque é sempre visto antecipadamente. A percepção imediata da visão mira o desvelado, enquanto o surgimento se retrai, abrigando-se na cobertura do encobrimento. O surgimento é inaparente porque se oferece antes e mais aberto do que a percepção da visão sobre as coisas e de sua possibilidade de registrá-la de modo imediato. O que a visão pode é reconhecer que antes mesmo da percepção imediata de algo já houve uma compreensão de ser – um desvelamento. Sobre o inaparente da junção da *physis* afirma Heidegger: “é inaparente porque, enquanto puro surgimento, a φύσις é mais aberta do que tudo o que se abre para a evidência. Ela se mantém e vigora como o inaparente.”³¹

³⁰ Ibid., p. 154

³¹ Ibid., p. 155

Neste sentido, a junção inaparente (*harmonia*) não significa que a essência da *physis* é “invisível” ou que se esconda por trás do ente. Nas traduções da filologia se costuma interpretar essa palavra como harmonia invisível, pois o ser, a essência na tradição metafísica é justamente o fundamento dos entes, apesar de sua determinação manter-se obscura e indeterminada³². Porém, nem a *harmonia* é invisível e nem a *physis* tem prazer em esconder-se. Na interpretação heideggeriana ela é a claridade da clareira e a transparência que atravessa o constante emergir da *physis*. As traduções filológicas indicam a negligência frente à questão do ser, principalmente, no estágio de completo esquecimento na qual se encontra, quando se toma o ser como o conceito mais universal, indefinível e evidente por si mesmo.³³ Pois, “a φύσις não é o invisível. Ao contrário, é justamente o que se vê originariamente, embora, de imediato e na maior parte das vezes, seja o que, propriamente, nunca se deixa visualizar.”³⁴ Visualizar e objetivar numa primeira visão, ao modo da percepção imediata, como já discutimos anteriormente.

O surgimento inaparente da *physis* indica seu vigor nobre e luminoso, o que “brilha e aparece”, isto é, que a *junção* vigora enquanto surgimento abrigado (*conjugado*) no encobrimento, como a *junção clareadora*. O modo como ela clareia o aberto e o abrindo-se, o descoberto descobrindo-se, será interpretado por Heidegger a partir dos fragmentos 8 e 51 de Heráclito. Na ordem de análise e interpretação do filósofo, o fragmento 8 é o quarto para se pensar a essência da *physis*. “τὸ ἀντίξουν συμφέρον καὶ ἐκ τῶν διαφερόντων καλλίστην ἁρμονίαν. Arrastar, com-por e da oposição de um contra o outro, junção resplandecente.”³⁵

Já o fragmento 51, considerado o quinto para análise e interpretação, diz:

οὐ ξυνιασιν ὄκως διαφερόμενον ἐωυτῶι συμφέρεται: παλίντονος ἁρμονίη ὄκωσπερ τόξου καὶ λύρης. Ele não com-põe como deve vigorar o des-ordenar em que ele (no dis-por-se de si mesmo) se com-põe consigo mesmo; tensionando para trás (ampla, a saber, o que se dis-põe) é que vigora a junção, como ela (essência) se mostra na visão do arco e da lira.³⁶

³² Lembrando a célebre passagem de Pascal, que apresenta a aporia da determinação do ser, quando diz: “não se pode tentar definir o ser sem cair no seguinte absurdo: quer se o exprima, quer se o subentenda. Portanto, para definir o ser seria preciso dizer é, e assim empregar a palavra definida para a sua própria definição.” Cf. nota 23 de *ser e tempo*, §1. HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*, 2015, p. 39

³³ Ecoa aqui a crítica feita já em *Ser e tempo*, §1. *Ibid.*, p. 38 – 39

³⁴ HEIDEGGER, Martin. *Heráclito*, 1998, p. 155

³⁵ *Ibid.*, p. 157

³⁶ *Ibid.*, p. 159

Esses dois fragmentos indicam a essência da *physis* enquanto luta, *eris* (ἔρις). No fragmento 8, Heidegger observa que a luta se refere à relação essencial de *tensão, retração e atração* entre surgimento e encobrimento, onde a junção inaparente e clareadora está em constante *arrastar e compor*. A junção (*harmonia*) é um constante arrastar: retraindo e atraindo, compondo e comportando o encobrimento com o surgimento e vice-versa. Nessa luta não há um vencedor e nem se deve apagar a tensão da junção. Dela flui o desabrochar, o constante surgimento. O arrastar de ambas as essências (surgimento e encobrimento) é a relação própria de retração e atração. À medida que o surgimento se retrai no encobrimento e nele se resguarda, o encobrimento é atraído pelo surgimento, mantendo-se como a guarda do aparecer, e ambos são liberados para a profusão de suas essências pela *tensão concentradora* do arrastar da junção. A retração do surgimento a partir do encobrimento é a fonte originária do jorrar e aparecer da *physis*, em sua amplidão e clareira. A atração do encobrimento a partir do surgimento é a guarda do abrigo profundo que sobrevém e acolhe. É desse modo que deve ser entendido a afirmação de que “a junção do encobrimento com o surgimento é que faz a junção do surgimento com o encobrimento,”³⁷. Trata-se da *concentração do arrastar*, a cada vez, *da unidade da junção disposta em tensão*, onde ambas, apesar da diferença, enquanto junção, são *o mesmo*. Assim, a *junção arrastadora* está em constante compor, pois comporta e mantém a tensão. Esse compor e comportar da junção *una, inaparente e clareadora* é o que Heidegger chamará de *composição*, indicando o aspecto verbal da *harmonia da physis*, ou seja, o sempre surgir e espriar, e não no sentido de uma simultaneidade de coisas juntas, amontoadas, justapostas e ordenadas no espaço e no tempo. Por isso, a junção (a *harmonia*) é nomeada de *junção resplandecente*.

Já no fragmento 51 a “imagem” da relação essencial da junção arrastadora aparece com mais nitidez através da discussão das imagens do arco e da lira como o lugar propício de visualização da *essência da physis* – isto é, do puro e simples surgimento ou da junção inaparente e clareadora. O trecho decisivo do fragmento é a segunda parte, que diz: “voltando-se atrás da tensão (a saber, em disposição) vigora a junção, como ela (a essência) se mostra na visão do arco e da lira.”³⁸ Isto porque o vigorar da junção, é o vigorar da tensão de retração e atração, mas no aspecto da flexão de um arco e de seu arqueamento ao modo do horizonte. Se o surgimento se retrai no encobrimento é porque ele está sempre aparecendo desde o fundo do arco atraído pelo seu fecho, este que se fecha veloz, a cada vez, encobrendo e propiciando a ampla abertura – que se expõe e dispõe – *desencoberta*. O surgimento, a cada surgir, mantém a relação de tensão – retração e atração – com o encobrimento sendo a *relação o de onde o*

³⁷ Ibid., p. 164

³⁸ Ibid., p. 163

surgimento escapa e fecha, e *para onde* se lança dispondo-se amplamente *desde o* e *para o* declínio, fazendo junção. O *de onde* e *para onde* da retração e atração entre surgimento e encobrimento é o sentido de *caminho da physis*: o sempre surgir e espriar. Trata-se do clarear do aberto e de sua movimentação constante de manifestar, jorrar, aparecer. Isto porque a *physis* é a palavra para Heidegger, no pensamento originário, que carrega a relação não dita, mas entrevista de ser e verdade e de ser e tempo. O caminho da *physis*, o *de onde e para onde*, não se refere a um sentido espacial. Trata-se do desvelamento de ser e da relação originária de ser e tempo: “a φύσις é o caminho de ida e volta, de onde e para onde. ἄρμός – a junção arrastadora – ἄρμονία – ‘junção.’”³⁹

3.4 *Physis* enquanto fogo e cosmo

Depois de discutir a *physis* a partir da *philia*, ou seja, da relação de favor e propiciação entre surgimento e encobrimento e de discutir a relação essencial da *philia* (o favor) como *harmonia*, isto é, como a junção inaparente, clareadora e arrastadora da *physis*, e o surgir a partir da luta (*eris*, ἔρις) e da tensão entre o surgimento e o encobrimento, o filósofo alemão ainda discutirá mais dois aspectos fundamentais, quais sejam, a essência do fogo (τὸ πῦρ) e do cosmos (κόσμος).

Os fragmentos de Heráclito sobre o fogo e o cosmos são, como já mencionados, testemunhos do pensamento da origem. A *physis* é a palavra fundamental desse pensamento, porque ela mesma é a origem enquanto o surgimento que brilha e clareia, abrigada pelo declínio e encobrimento. A palavra de Heráclito sobre o fogo pensa o *aclarar e clarear* enquanto a *transparência que conduz* o aberto da clareira, a cada vez, acendendo e conduzindo o ente em sua totalidade e, ao mesmo tempo, fechando a amplitude da clareira. Para a sua interpretação sobre o fogo, Heidegger escolhe os fragmentos 64 e 66, ordenando-os como o sexto e o sétimo respectivamente. “τὰ δὲ πάντα οἰακίζει κεραυνός. O raio conduz, porém, o ente em sua totalidade.”⁴⁰ (fragmento 64). “πάντα γὰρ τὸ πῦρ ἐπελθὼν κρινεῖ καὶ καταλήγεται. O fogo, sempre em advento, haverá de (numa junção) desprender e suspender tudo.”⁴¹ (fragmento 66).

A interpretação heideggeriana se concentra no sentido de chamejar do fogo, que chameja e desenvolve a chama, que conduz o ente na totalidade. O chamejar, ou seja, o “lançar

³⁹ Ibid., p. 164

⁴⁰ HEIDEGGER, Martin. Heráclito, 1998, p. 173

⁴¹ Ibid., p. 174

a chama” não significa lançar o fogo sobre alguma coisa. A claridade própria do chamejar, o aclarar e clarear da chama também não se refere à luz do fogo que ilumina um determinado espaço que se encontre sem luz. As representações comuns do fogo não tocam o que se indica pelo pensamento que busca apreender a sua essência. E a essência de algo nunca é uma outra coisa, nunca pode ser um ente, isto porque a essência refere-se ao ser. A essência do fogo também não é uma de suas propriedades elencadas pelas ciências: iluminar, queimar, aquecer, esquentar, acender etc.

O que diz então chamejar, lançar a chama? O sentido primeiro diz: dar cisão, cindir e desenvolver a cisão, cindir e separar o claro e o escuro, levando a claridade aos confins da cisão e fazendo transparecer o âmbito do aberto, enquanto se mantém a cisão (a disjunção) reunida entre o claro e o escuro na junção. Esse cindir e desenvolver a cisão entre o claro e o escuro, que aclara o aberto e conduz, e clareia tudo o que aparece desde o fundo da cisão-una, é interpretado como a essência do fogo, isto é, a chama que chameja. Pois, pensando o fogo a partir da *physis* e da junção inaparente, clareadora e arrastadora é possível pensar o desenvolvimento do surgimento no encobrimento, ou seja, o ininterrupto surgir, brotar, aparecer, clarear, enfim, o *desencobrir desde o encobrimento*. O fogo é a palavra para se pensar a *claridade e o desenvolvimento da claridade* desde o incessante desencobrimento do encobrimento. “A essência que chamusca, que cinde para só então levar o claro para o encontro e a inclusão do obscuro, é a essência privilegiada do fogo (...).”⁴² Mas como podemos entender o modo do acontecer dessa cisão?

Através do raio e do raiar. O raio e, sobretudo, o raiar, o aspecto verbal do raio, faz aparecer o modo em que acontece a cisão entre o claro e o escuro, isto é, o “dar fogo”, o “dar chama”, o “detonar”. O modo do raiar e da cisão é o súbito, o instantâneo, a eclosão que abre, clareia, descortina e desenvolve o descortinar segurando, prendendo, fechando com o obscuro. A súbita eclosão e cisão não é uma relação de causa e efeito entre duas coisas ou duas essências. Indica, ao contrário, o modo do imperar da junção inaparente que é por si mesma, em seu *a cada vez*. A nobreza da junção clareadora e arrastadora refere-se a beleza do *desencobrimento do encobrimento*, a cada vez, e pensada como esse *dar fogo* ou a eclosão da cisão.

Assim, o raiar, o “dar fogo”, isto é, a súbita cisão não só abre e desenvolve a cisão entre o claro e o obscuro, como, também, em seu vigor de fogo, fecha e tranca o âmbito do aberto, condição da qual se ilumina todo o aberto. No súbito do raiar e do raio, no súbito de sua extinção pode-se até dizer que é a “escuridão que clareia o raio.”⁴³ E é neste mesmo sentido que o

⁴² Ibid., p. 173

⁴³ Ibid., p. 181

encobrimento clareia o desencobrimento, ou seja, que *surgimento* – *physis* – significa *encobrimento em desencobrimento*.

Assim pensado, seria inconcebível o caráter de φύσις próprio do fogo e o caráter de fogo próprio da φύσις. A essência do fogo recolhe-se naquilo que chamamos de “raio”. [...] Em sua essência, surgir é o mesmo que des-envolver a chama do fogo (πῦρ) chamuscante, mas isso apenas na suposição de que não fiquemos muito colados nos semblantes que só propiciam um brilho prévio e façamos a experiência pensante do brilho puro do simples que se des-envolve no **surgimento clareador** [...] ⁴⁴ (grifo nosso)

Nesta perspectiva, o próprio do fogo é o surgimento clareador enquanto a claridade que se desenvolve na *physis*, clareando a clareira na qual todo surgimento e toda manifestação de ser acontece, assim como, o desvelamento do ente. O fogo significa: a claridade e a transparência do aberto que advêm de súbito e se desenvolve sobre tudo que se desvela no aberto. Esse advir e desenvolver é o sentido de *conduzir* o ente em sua totalidade. Ele conduz porque a transparência do claro no sempre surgir da *physis*, dá-se *antecipadamente* ao todo e em tudo que nele se encontra abrigado.

Para se pensar o cosmo, agora, é importante escutar uma palavra de Heidegger sobre a *physis*, que indica o nexos essencial com a *aletheia*. Ele diz:

Pois, como junção inaparente, a φύσις é o nobre perfazer-se, a clareira que vigora a partir de si mesma. Na junção clareadora é que aparece e resplandece o ente em sua totalidade. Chamamos de adorno e arranjo todo abrir, descortinar e “perfazer” que equipa alguma coisa, a fim de que apareça e resplandeça na juntura de sua junção. ⁴⁵

A *physis*, enquanto junção inaparente, é a clareira que vigora a partir de si mesma. Isso significa que a clareira, entendida como *aletheia*, é o aberto ao modo do *des-encoberto*. Já o *des-encoberto em desencobrimento* é a relação de *aletheia e physis*, pois a *a-letheia*, a clareira, é o fundo velado de todo desencobrimento. Entendemos cosmos e fogo a partir dessa relação.

O cosmos é considerado como arranjo, mas o que isso quer dizer? Significa, principalmente, a cobertura, o velamento, o encobrimento da junção clareadora, que se perfaz e vigora a partir de si mesma, desde o abrir da cisão, o descortinar da eclosão, enfim, o

⁴⁴ Ibid., p. 173 - 174

⁴⁵ HEIDEGGER, Martin. Heráclito, 1998, p. 174

desabrochar da *physis*. O cosmos, o arranjo originário, é pensado a partir de todas as palavras fundamentais já discutidas e abertas como perspectivas da própria *physis*. Todas essas palavras indicam aspectos da *physis*, isto é, o *surgimento incessante* ou *o que a cada vez já não declina*. Cabe frisar que em todas essas palavras-fundamentais aparece a referência constante ao encobrimento, já que ele é o de onde todo surgir se origina. O cosmos pensado a partir dessa perspectiva é o adorno e o arranjo originário. Ele “equipa” e “adorna”, ele “arranja” como o que re-cobre e res-guarda tudo o que aparece em todo descortinar e perfazer. “O grego chama κοσμέω o deixar abrir, ‘perfazer’ e acontecer de algo no brilho da junção de seu aparecimento. κόσμος é o arranjo.”⁴⁶ Tudo o que se desvela e todo o ente que aparece e resplandece na clareira da *physis* – a junção clareadora – brilha a partir desse arranjo originário, isto é, desde o encobrimento que abrange e a abarca o desencoberto. Assim, o cosmo não é tratado aqui no sentido moderno de universo enquanto um espaço com extensão infinita e nem como “uma efervescência de névoas e forças da qual deuses e homens se ‘processam’.”⁴⁷ Por isso, κόσμος e πῦρ dizem o mesmo enquanto aspectos da *physis*.

Como o deixar resplandecer originário no brilho do surgimento, arranjar é única e subitamente o arranjo que repercute como raio no desarranjado. Assim, o raio traz para o claro, conduz com ele e junto dele o obscuro e o contraposto precisamente para o claro. [...] de que o próprio raio é o arranjo originário que vigora como nobreza. [...] Assim pensado, como juntura clareadora, φύσις, ζωή ἁρμονία, o arranjo é o próprio fogo arranjador, o raio.⁴⁸

Heidegger apresenta os fragmentos de Heráclito que serviram de base para a sua interpretação. O fragmento 30 é disposto como o oitavo:

κόσμον τόνδε, τὸν αὐτὸν ἀπάντων, οὔτε τι θεῶν οὔτε ἀνθρώπων ἐποίησεν, ἀλλ’ ἦν ἀεὶ καὶ ἔστιν καὶ ἔσται πῦρ αἰείζωον, ἀπτόμενον μέτρα καὶ ἀποσβεννύμενον μέτρα.
Este arranjo, agora nomeado, o mesmo em tudo que se arranja, nenhum dos deuses e nenhum dos homens (algum) o produziu; mas sempre foi, é (sempre) e será (sempre) (a saber) o fogo que sempre surge, acendendo o amplo (as clareiras), apagando (trancando) o amplo (na não clareira).⁴⁹

⁴⁶ Ibid., p. 174

⁴⁷ Ibid., p. 177

⁴⁸ Ibid., p. 175

⁴⁹ Ibid., p. 176

No fragmento 124, ordenado como o nono, temos: “ὄκωσπερ σάρμα εἰκῆ κεχυμένων ὁ κάλλιστος κόσμος. De coisas lançadas ao acaso, o arranjo (ainda) mais belo, o cosmo.”⁵⁰

A partir dos fragmentos 30 e 124, o cosmos é interpretado em uma tripla acepção: 1. O κόσμος, o arranjo, não criado, não feito e não sendo um ente, é o fogo que sempre surge (*physis*) clareando e fechando o aberto, pois tanto ilumina a amplitude da clareira quanto a tranca. 2. De tudo o que aparece e resplandece a partir do arranjo, a beleza e o belo não se referem aos entes que emergem juntos com *physis*, mas ao cosmo enquanto fogo que sempre surge ou ao *raiar da physis*, isto é, ao *des-envolvimento* da transparência do claro com o obscuro pelos confins do fundo velado da clareira. 3. O pensamento da origem (o despertar para a verdade do ser) distingue o arranjo único e originário (a junção clareadora que vigora a partir de si mesmo e em tudo que se arranja) do ente que aparece e se desvela, ou seja, do semblante da totalidade dos entes que é levado a se manifestar a cada vez.

Com isso os fragmentos 30 e 124 estreitam a essência da relação da *physis*, do fogo e do cosmos com a *aletheia*, ou seja, a amplitude do aberto da clareira. O arranjo originário indica os nexos na unidade essencial entre o surgimento e a clareira, entre a *physis* e a *aletheia*. Heidegger insiste em dizer que τὸ μὴ δῶνόν ποτε, φύσις, ζωή, κρύπτεσθαι, φιλεῖ, ἄρμονία, ἔρις, πῦρ e κόσμος (nessa ordem de interpretação) são aspectos da *physis* na relação essencial com a *aletheia*. Dessa maneira, elas não são palavras de determinação do ente e de suas propriedades. A relação entre *physis* e *aletheia* mostra o aspecto “temporal” do arranjo originário, porque possui as três determinações temporais – “foi, é e será” / passado, presente e futuro. Para não cair no conceito metafísico de eternidade que se determina a partir da temporalidade do agora e de sua permanência (*nunc stans*), o tempo originário do cosmos não é eterno, nem no sentido de duração ininterrupta nem por excluir o tempo. Ele é compreendido como pré-temporal porque ele copertence a *physis* e a *aletheia*.

Como não podemos evitar uma caracterização temporal, chamaremos o arranjo originário de pré-temporal, querendo indicar assim que o κόσμος é mais originário do que todo temporal. E isso de tal maneira que nele também se funda a própria temporalidade. Isso, porém, só é possível porque ele mesmo já é “o tempo”, entendido, sem dúvida, num sentido originário.⁵¹

⁵⁰ Ibid., p. 176

⁵¹ Ibid., p. 178 - 179

4 ALETHEIA E PHYSIS EM SEUS NEXOS: A VERDADE DO SER OU O ENCOBRIMENTO DESCOBRIDOR E EM DESENCOBRIMENTO

4.1 A clareira da *aletheia* e o encobrimento descobridor

A palavra fundamental da preleção *A origem do pensamento ocidental* é a palavra encobrimento e que, durante o texto, veio se contrapondo ao sentido de surgimento. Ela é dita de muitas maneiras e através das palavras fundamentais do pensamento grego como *dynon*, *kryptesthai* e *lanthano*. Heidegger a pensa como palavra do ser e em seu aspecto verbal. Ele não cansa de repetir que ambas as essências, encobrimento e surgimento, em seu significado originário, advindo das palavras dos pensadores da origem não se refere ao ente, mas ao próprio ser.

Durante todo o texto até o último parágrafo (§8) a discussão fica quase sempre restrita a relação essencial entre surgimento e encobrimento. Há uma necessidade de esclarecer, a partir da experiência grega e na aurora do pensamento ocidental, o significado de *physis* enquanto surgimento incessante, um sempre surgir e espriar na junção com o encobrimento, este que é o fundo e fundamento da eclosão originária do surgimento.

Por isso, em linhas gerais, discutimos a *physis* como Heidegger a pensa. Em primeiro lugar a *physis* é o que, de modo algum, adentra o encobrimento, saindo e se expondo fora como uma fonte. Ela é o surgimento incessante, o sempre surgir desde o encobrimento. Na relação com o encobrimento, vimos passo a passo, cada uma de suas determinações essenciais. A *physis* diz uma relação de favorecimento (*philia*) e junção com o encobrimento (*kryptesthai*). Essa junção (*harmonia*) é inaparente e clareadora. Ao modo do inaparente e ininterrupto jorrar acontece o eclodir, o raiar, o clarear, arranjar e originar ($\pi\tilde{\upsilon}\rho$ e $\kappa\acute{o}\sigma\mu\omicron\varsigma$). Tudo isso é *physis* e o seu desabrochar, tudo isso é surgimento e encobrimento, ao mesmo tempo.

Depois dessa longa discussão o texto adentra às questões próprias da *aletheia* e de seus nexos com a *physis* para mostrar como esse ininterrupto surgimento, advindo do encobrimento, se “estabiliza” enquanto simples e puro surgir. O estabilizar não é no sentido de fixar ou conter, mas, pelo contrário, significa manter e sustentar o surgimento enquanto incessante surgimento. Ele mantém-se e se espriar na clareira, desabrochando, eclodindo, clareando. Desse modo, o encobrimento não diz apenas uma relação com a *physis*, mas também com a *aletheia*, isto é, não diz simplesmente o fundo de onde se origina e advém o surgimento, mas, também, o fundo velado da clareira, que mantém e abriga o surgimento e tudo o que a aparece a partir dele. A

aletheia é a clareira, o descoberto, o aberto do desencobrimento. Só que o aberto do desencobrimento não é algo fixo ao modo de cúpula ou domo de um edifício, mas ao modo da abóbada celeste de um horizonte, onde, a cada vez e sempre, no céu aparece uma feição nova de nuvens, tons e cores, uma feição nova pelo arrastar da tarde, uma feição nova pelo adentrar da noite, pelo romper do dia, pelo elevar do meio-dia. O surgimento não cessa, abrigado no horizonte da clareira, em seu encobrimento e, agora, já podendo dizer, em seu encobrimento descobridor.

A essência da φύσις é, porém, surgir e espriar-se simultaneamente numa abertura e clareira. [...] Chamamos essa essência de clareira (*Lichtung*), palavra única, mas ainda não pensada. No sentido de abrigar abrindo e clareando, a clareira é a essência originária que se vela na ἀλήθεια. Este é o nome grego para dizer verdade, mas para os gregos significa desencobrimento e des-cobrimento. Na essência escondida da ἀλήθεια, φύσις (natureza) e φῶς (luz) trazem o fundo da unidade velada de sua essência.⁵²

Aletheia é clareira, a clareira da *physis*, mas o que isso significa? Significa “abrigar abrindo e clareando”, como Heidegger diz. Enquanto o aberto, a clareira é o aberto abrindo-se, o descoberto desencobrendo-se ou o descobrimento em desencobrimento. Por isso, em seguida, ele diz que os gregos pensavam no nome ἀλήθεια “desencobrimento e des-cobrimento”. Em *desencobrimento* é propriamente o “fluir” da *physis* que está sempre vigorando e aparecendo, sempre espriando-se e mantendo-se no *des-cobrimento*, no aberto descoberto da clareira.

É importante pensar tanto a relação *do aberto que se abre* e de um *se abrindo no aberto*, ao mesmo tempo, a cada vez, porque é essa relação que é pensada como nexos entre *aletheia* e *physis* e que Heidegger busca esclarecer e fazer aparecer. Para poder esclarecer esse nexos essencial, ele também precisa esclarecer a relação e o sentido do encobrimento com a *aletheia*, do mesmo modo que fez com a *physis*. As palavras da relação entre a *aletheia* e o encobrimento (*lanthano*) que caracterizam propriamente a essência da *aletheia*, a clareira, são descobrimento e desencobrimento.

Numa passagem da Odisseia que relata a “atitude” de Ulisses de se esconder dos convidados, por estar chorando e sentir vergonha, durante a apresentação do rapsodo Demódoco, Homero utiliza o verbo *elanthane* para falar de um encobrimento, geralmente traduzido e interpretado como “ele encobriu” ou “ele cobriu” as lágrimas e o choro. Essa

⁵² HEIDEGGER, Martin. Heráclito, p. 31-32.

interpretação da tradição metafísica, a partir da filologia, é criticada por Heidegger, porque lega o encobrimento a uma atitude de um sujeito, Ulisses, ocultando, decisivamente, o significado originário de velamento e desvelamento antecipador do horizonte de ser, como o de onde todo aparecer e encobrir são possíveis. Para o filósofo a tradução é outra.

Ulisses não se encobriu, “Ulisses manteve-se encoberto.”⁵³ O que Heidegger busca indicar com essa formulação é que para a experiência grega o que quer que seja, enquanto ente, principalmente se for um “quem” (alguém), sempre parte de uma cobertura que o resguarda e protege, isto é, sempre parte do encobrimento a qual pertence sua abertura de vida. Não sendo o “manter-se encoberto” uma ação do sujeito e nem um comportamento humano, refere-se ao “traço fundamental de todo relacionar-se com o que está vigente e o que está ausente, designando até mesmo o traço fundamental da própria vigência e ausência.”⁵⁴ Refletindo sobre esta passagem, Marlène Zarader observa:

Analisando o uso do verbo *λανθάνειν* (em alemão, *verborgengeleiben*) em Homero, Heidegger mostra que o permanecer-oculto, pensado em grego, não deve de maneira nenhuma ser compreendido como um acto do sujeito, nem sequer como um qualquer comportamento do homem, mas como o facto de estar rodeado de *λήθη*, quer dizer de se conservar (eventualmente estando iluminado aí) numa ocultação entendida como um modo da presença, senão, talvez, como o seu modo fundamental.⁵⁵

Assim, quando Heidegger volta a pensar o fragmento 16, de Heráclito, que foi tido como o primeiro na sua interpretação e na orientação para se pensar a *physis* e seus nexos com o encobrimento, o filósofo retoma a segunda parte do fragmento que questiona a relação do *τις*, do “quem” (*πῶς ἄν τις λάθοι* – como alguém poderia *manter-se encoberto*) com a *physis* (*τὸ μὴ δῶνόν ποτε* – face ao que a cada vez já não declina?). E a segunda parte é o início da questão colocada pelo fragmento, o *de onde* ela começa e o *modo* como começa. O começo da questão é uma surpresa: “como alguém poderia manter-se encoberto...” que indica, ao modo do espanto, o de onde a palavra questionadora se pronuncia, ou seja, do aberto e de não poder se manter encoberto, encontrando-se no descoberto.

Assim, ao pronunciar, *como alguém poderia manter-se encoberto*, o fragmento anuncia o descoberto como possibilidade do dizer e já se refere ao falar a partir do descoberto, do destampado e do aberto do desencobrimento e da impossibilidade desse que fala de se manter

⁵³ HEIDEGGER, Martin. Ensaios e conferências, p. 232

⁵⁴ Ibid., p. 234

⁵⁵ ZARADER, Marlène. Heidegger e as palavras da origem, p. 91

encoberto frente a esse aberto e do surgimento que nele se espraia. Ao mesmo tempo, o encobrimento se mantém como a guarda de todo e qualquer descobrimento para um falar, principalmente, para a visão questionadora e anunciadora do pensamento nascente, o pensamento da origem.

Voltando ao fragmento 16 de Heráclito, percebe-se, portanto, que a *aletheia* já estava sendo pensada neste fragmento, na relação com o *quem* (τις) e com a *physis* (τὸ μὴ δῦνόν ποτε). Na relação da *aletheia* com o *quem* (isto é, com um alguém que pode ser deuses e homens), a relação se faz pelo fato deste alguém, em sua essência, ser a partir do aberto, iluminado pela clareira. “Na clareira, eles (deuses e homens) não só clareiam como por ela e para ela se iluminam [...] reunidos no acontecimento apropriador da clareira e, assim, nunca encobertos mas já sempre des-cobertos.”⁵⁶ Já na relação da *aletheia* com a *physis*, a essência dela consiste em sustentar e manter, a cada vez, o constante surgir e espraiair.

Assim, podemos dizer que a ἀλήθεια, isto é, a clareira, o desencobrimento e o descobrimento é, no fundo, o *encobrimento descobridor*. Porque é dele, isto é, é a partir do encobrimento descobridor que se dá e acontece a “estabilidade” que mantém o surgir (a *physis*) no gerúndio: *em um e enquanto um* surgindo, desabrochando, aparecendo, desencobrendo, enfim, deixando “vigorar” a relação essencial do surgimento com o encobrimento. O *encobrimento descobridor* é, ao mesmo tempo, *em desencobrimento* - ἀλήθεια e φύσις. Por isso, é do encobrimento descobridor que pode haver um espanto filosófico: um admirar-se vendo e um questionar originário, que expõe a palavra fundamental como um sussurro que saltou da boca: - *como alguém poderia manter-se encoberto...* face ao que a cada vez já não declina?

4.2 O encobrimento descobridor e em desencobrimento: a verdade do ser

Heidegger nos avisa, contudo, de um enigma, o enigma da *physis* e da necessidade de se colocar frente a ele e permanecer nele, sendo este enigma, propriamente, o *a-se-pensar* do pensamento originário.

Ao longo dessas reflexões aproximamo-nos de um enigma que nenhuma “lógica” e também nenhuma “dialética” solucionaram, por não serem nem mesmo capazes de visualizar o enigma. O enigma é o seguinte: a φύσις designa, por um lado, o surgimento na diferença com o declínio – a φύσις na sua relação com o κρύπτεσθαι –

⁵⁶ HEIDEGGER, Martin. Ensaio e conferências, p. 246

e, por outro, a essência una da junção de φύσις e κρύπτεσθαι. [...] Eles mesmos são os membros da relação: co-relatos. A φύσις é, de um lado, o nome de um dos correlatos e, de outro, o nome da relação. A φύσις é a própria relação e um dos correlatos. [...] Todavia, estar *diante* desse enigma e buscar voltar para ele o olhar já dá suficientemente o que pensar.⁵⁷

Pode-se dizer que todo esse enigma não é apenas o enigma da *physis*, mas também da relação entre *physis* e *aletheia*. O enigma é sobre a relação de proximidade entre o surgimento (*physis*) e a clareira (*aletheia*).⁵⁸ Essa indicação observa-se no fato de que depois de expor o enigma segue o último parágrafo (§8) da preleção, que contém a discussão da relação de essência entre o surgimento (*physis*) e o descobrimento (*aletheia*).

A *aletheia*, a clareira, é pensada enquanto o *des-cobrimto para o desencobrimto de ser*. O que isso significa? Significa o aberto, abrindo-se; o descoberto, descobrindo-se; ou num outro modo de dizer: o *des-cobrimto em desencobrimto*. Mas, para sermos ainda mais preciso com a interpretação de Heidegger, podemos dizer que é o *encobrimto descobridor e em desencobrimto*.

O cerne dessa relação é de difícil visualização, porque ela não se deixa representar como um objeto para a consciência de um sujeito, mas apenas deixa-se reconhecer desde um desvelamento de ser. O que está em jogo e se deve observar é que a *physis*, em sua essência, já carrega o aspecto fundamental de não-fechamento, de não-encobrimto e, assim, de se manter aberta e descoberta enquanto *des-cobrimto* (clareira). O *descobrimto* é a clareira da *physis*, por isso já se encontra pensada no μη δύνόν ποτε (φύσις). Deve-se observar a partir da *aletheia*, isto é, da clareira da *physis*, que o descobrimto é no desencobrimto e em desencobrimto (surgimento). Isso significa: se na essência da *physis* vige a essência da *aletheia*, a abertura e clareira, é porque a *aletheia* corresponde, deixando vigorar a essência da *physis*. Pois, tanto o surgimento já é uma abertura, quanto a abertura vige ao modo de *um surgindo, desvelando, desencobrimdo*. “A ἀλήθεια, o descobrimto no desencobrimto é a essência da φύσις, do surgimento [...] e haveremos de perceber que a ἀλήθεια vigora na essência da φύσις e na essência de seu fundamento propriamente originário, que lhe corresponde no descobrimto.”⁵⁹

A *aletheia* vigora na essência da *physis*, no μη δύνόν ποτε, no surgimento incessante e, ao mesmo tempo a *aletheia* é a essência originária da *physis*, isto é, a abertura e clareira de onde se mantém e sustenta o desabrochar e espriaiar do surgimento, do desencobrimto de ser.

⁵⁷ HEIDEGGER, Martin. Heráclito, p. 168 – 169.

⁵⁸ Ibid., p. 168.

⁵⁹ Ibid., p. 184.

Devemos pensar agora a última determinação heideggeriana sobre a *aletheia* enquanto o desencobrimento do encobrimento. O *desencobrimento do encobrimento* diz “mais” do que o *descobrimento para o desencobrimento de ser* porque, além de dizer a mesma coisa, isto é, de se referir ao nexos entre *aletheia* e *physis*, busca dizer *ao modo* do nexos, *ao modo* da junção una, da unidade originária de ambas. Ou seja: em duas palavras deixa aparecer *a unidade*. Trata-se, portanto, de produzir e traduzir, enquanto expressão e sentido, a mesmíssima coisa que conduziu o a-se-pensar da preleção *Heráclito*, qual seja, a questão da *verdade do ser* – e que agora se traduz como *desencobrimento do encobrimento*.

Desencobrimento do encobrimento busca produzir e traduzir o fragmento de Heráclito que também é uma questão do pensamento da origem: *como alguém poderia manter-se encoberto face ao que a cada vez já não declina?* Através da tradução deste fragmento e desta questão fundamental Heidegger nos reconduziu para a relação essencial entre *aletheia* e *physis*, entre *verdade e ser*. E como é bom lembrar, também, que a filosofia é essencialmente uma questão, que surge do espanto diante disto que é. O espanto de ser é o verdadeiro *páthos* filosófico, já reconhecido por Platão em Teeteto.⁶⁰ Na preleção fica claro que a *questão da verdade do ser* é o despertar do pensamento ocidental, este que eclodiu como questão visionária através de suas palavras fundamentais como *aletheia* e *physis*. Verdade do ser, desencobrimento do encobrimento, diz o nexos essencial entre *aletheia* e *physis* e o modo como se deve pensar esse nexos.

Ouvimos, também, que a essência da φύσις nunca é um surgimento orgulhoso, que se impõe de modo infundado, como de um nada. φύσις κρύπτεσθαι φιλεῖ – “surgimento favorece o encobrimento”. Se, no entanto, a ἀλήθεια é fundamento essencial da φύσις, podemos agora compreender o nome ἀλήθεια – des-encobrimento, des-velamento. A ἀλήθεια vigora a partir do encobrimento e no exercício do abrigo. Como diz o seu nome, a ἀλήθεια não é uma abertura presunçosa, mas o **desencobrimento do encobrimento**. De há muito não se consegue traduzir e pensar a ἀλήθεια, a não ser no sentido que se assume no nome “verdade”.⁶¹ (grifo nosso)

Sobre essa passagem Zarader indica, na sua interpretação da obra heideggeriana referente aos pensadores originários e suas palavras fundamentais, o sentido da viragem enquanto um pensar desde a abertura de ser (a clareira) e para ser (deixar ser). Trata-se de um *deixar ser* que vigora enquanto retiro, ocultação, retraimento, encobrimento, e, ao mesmo tempo, de que

⁶⁰ PLATÃO. Teeteto, 155d.

⁶¹ HEIDEGGER, Martin. Heráclito, p. 185.

clareia, atrai e sinaliza tudo para dentro da clareira, vigorando no desencobrimento. São reveladoras as palavras de Heidegger sobre o encobrimento enquanto a vigência do *abrigo iluminado da clareira*: “estar em vigência é um encobrir-se iluminado”⁶² e “a partir do encobrimento, durar num descobrimento.”⁶³

Sem dúvidas, para a longa tradição da metafísica que pensa a verdade como relação entre uma proposição declarativa sobre uma coisa e a própria coisa, buscando estabelecer adequações e concordâncias a partir dessa relação, dizer que a verdade é a origem essencial do ser soa tão estranho quanto tentar compreender *o que é ser*. Reconhecendo a dificuldade dessa questão, Heidegger não deixa de alertar que a tradução da palavra do pensamento da origem é mais uma recondução do pensamento para a experiência grega de ser.

[...] no sentido de ἀλήθεια, a “verdade” é a origem essencial da própria φύσις e de seus deuses e homens. Sim, e é mesmo bom e decisivo que sustentemos essa estranheza, e não nos apressemos a dizer que é “evidente” que a ἀλήθεια seja apenas uma característica da atitude cognitiva, tal como pretendeu até hoje a metafísica, mas sim que é um traço fundamental do próprio ser. Para nós é estranho, e deve permanecer estranho, que a **verdade seja a essência originária do ser, seja a própria origem**.⁶⁴ (grifo nosso)

Chegamos, por fim, ao último fragmento da preleção que esclarece ainda mais o nexos e o modo como se deve apreender e pensar a relação de *aletheia* e *physis*. Considerado o décimo na ordem interpretativa, temos o fragmento 93: “ὁ ἄναξ, οὗ τὸ μαντεῖόν ἐστι τὸ ἐν Δελφοῖς, οὔτε λέγει οὔτε κρύπτει ἀλλὰ σημαίνει. O elevado, cujo lugar do dizer indicador em Delfos, nem (só) descobre, nem (só) encobre, mas dá sinais.”⁶⁵

Sendo λέγειν a palavra que se ορθε a κρύπτειν (encobrir) no fragmento, ela passa a significar descobrir, fundamentando assim os significados de λέγειν enquanto ler, colher e recolher. “‘Re-colher’ significa: permanecer contido na unidade originária da junção.”⁶⁶ Permanecer contido, isto é, junto e surgindo junto com a *clareira da physis*. Enquanto recolher, λέγειν, a palavra deixa aparecer e torna manifesto a unidade originária da junção, sendo compreendida como escuta do uno e significando, portanto, *palavra e escuta de ser*. Mas esse

⁶² HEIDEGGER, Martin. Ensaios e conferências, p. 233.

⁶³ Ibid., p. 245.

⁶⁴ HEIDEGGER, Martin. Heráclito, p. 185 – 186.

⁶⁵ Ibid., p. 187.

⁶⁶ Ibid., p. 188.

λέγειν, isto é, ler, colher, recolher que descobre, que ausculta ser não se refere apenas aos deuses, mas a todos que podem ser interpelados pelo “quem és tu?”

Esse fragmento de Heráclito se refere ao deus Apolo, irmão de Ártemis, porque é ele o Autor do oráculo de Delfos. Devemos lembrar, contudo, que existem outros fragmentos de Heráclito que se referem tanto aos homens quanto aos deuses, sempre numa relação com a *physis*, a *aletheia*, o *logos*. Além disso, no próprio fragmento 16, Heidegger observa que o τίς, o quem, o alguém, pode ser tanto uma referência ao homem quanto aos deuses, mas “quem quer que seja, é sempre um deus que segundo o fragmento não pode manter-se encoberto face ao que sempre surge.”⁶⁷ Isto significa que deuses e homens são aqueles que se relacionam com a clareira da *physis*.

Como o deus que corresponde à *physis*, Apolo não apenas descobre e encobre, mas faz isso ao mesmo tempo, visto que a essência da *physis* é a vigência do surgimento favorecido pelo encobrimento e abrigado na clareia, e só nessa simultaneidade realiza, originariamente, desencobrimento e encobrimento.

A essência do sinal dado por Apolo é o encobrimento descobridor porque ela é, ao mesmo tempo, o vigorar da relação essencial de *aletheia* e *physis*, mas a partir do mostrar dessa relação desde a *aletheia*. “O assinalar do sinal é o modo originário em que vigoram, sem separação, tanto o descobrimento como o encobrimento que posteriormente chegarão a especificar-se, cada um para si.”⁶⁸ O *assinalar do sinal* diz, não apenas o **encobrimento descobridor**, mas, isto, em seu incessante gerúndio, em seu aspecto “verbo-ando”, sempre, a cada vez, como o **encobrimento em desencobrimento**. O *encobrimento descobridor* é (ele mesmo) *encobrimento em desencobrimento*, é o *assinalar do sinal: verdade do ser*.

A visão do encobrimento em desencobrimento, do encobrimento descobridor, desencobrindo, abrindo, presenteando, presenciando, doando a amplidão aberta, a cada vez, espraiando, surgindo, aparecendo... Aqui vale lembrarmos do fragmento 16: como alguém poderia manter-se encoberto face ao que a cada vez já não declina?

Pensar, essencialmente, significa escutar esse não-dito no pensamento que perpassa o dito e, assim, entrar em concordância com aquilo que silencia no não-dito. Enquanto a palavra for concedida ao homem como a posse fundamental de sua essência, ele não poderá esquivar-se do não-dito.⁶⁹

⁶⁷ Ibid., p. 183.

⁶⁸ Ibid., p. 189.

⁶⁹ Ibid., p. 189.

Por que recorremos a essa citação? Porque *a visão do encobrimento descobridor e em desencobrimento* é a jornada do a-se-pensar e na tentativa de pensar, não apenas com Heidegger, mas principalmente com a disposição do páthos filosófico que *deixa ser e deixa ver, a cada vez, a verdade do ser.*

CONCLUSÃO

Da gaiola aberta para o aberto do mundo: considerações finais ou “mire e veja!”

É importante salientar que uma boa parte da leitura feita aconteceu em meio e no confronto com a natureza. Durante as profundas leituras e o mergulho no pensamento heideggeriano estávamos vivendo um dos momentos decisivos da humanidade atual, que foi o início da pandemia da covid 19. A emergência da pandemia me levou a períodos longos na Fazenda Pau d’Arco, de abril de 2020 a final de 2021, sendo o primeiro desses períodos o mais longo, um retiro de 5 meses ininterruptos na sede da fazenda, que se constituiu para mim como a *gaiola aberta para o aberto do mundo*. Neste isolamento, bem-vindo como proteção da pandemia, a gente fica como que “de cara”, *face to face*, para o aberto do mundo, insurgindo junto com a natureza.

O aberto do mundo está longe de ser um cenário fixo como um fundo de tela de computador. O aberto do mundo é antes o tempo do *destampando* do mundo do aberto.⁷⁰ Traduzindo: *é de onde* vi chegar as constantes chuvas do ano de 2020 e do ano seguinte, as chuvas abençoadas! *É de onde* vi chegar e “cheguei junto!” ao plantio da terra preparada, que cortamos e aramos, e *de onde* vi aparecer as movimentações de gado e animais entre fazendas e pastos. *É de onde* vi surgir o convívio com os trabalhadores e amigos, todos com cuidados redobrados por causa da pandemia, que deram as mãos no fazer das fazendas. E, *de onde*, *vivendo* nas vagas horas de reflexões, as vagas do encobrimento, este que passou a ser a guarda de tudo que dele brotava e jorrava, como fonte para o mundo do aberto do mundo.

Do encobrimento para os desencobrimientos. Aos poucos fui reconhecendo o horizonte do encobrimento para todo e qualquer desencobrimento. Também o reconheci nos sonhos, na imaginação, no pensamento e/ou na visão “sensível” da realidade, enfim, em toda e qualquer visão compreensiva, porque nela sempre se avista um horizonte. A compreensão de ser é a *apropriada visão do encobrimento descobridor e em desencobrimento*.

Por fim, nesse convívio com a natureza e, principalmente, em meio a natureza o *horizonte do pôr do sol* se fez imenso, minha aurora constante desde o nascer da noite e das estrelas a partir do escurecer e do manto do universo até o romper milagroso do dia e o desabrochar esplendoroso da estrela solar da manhã, fazendo noite à noite a partir de um céu azul vivo e

⁷⁰ Um trocadilho como artifício filosófico para se pensar.

celeste. De horizonte em horizontes, em outros horizontes, a cada vez, e sempre, vi e vendo horizontes de emergentes pores, claros de amanhecer. Por isso, poderia até dizer, ao modo de Riobaldo Tatarana: - *mire e veja!*⁷¹

⁷¹ Um dito do personagem principal, Riobaldo, vulgo Tatarana, ao longo da narração da sua “saga-rana” de vida, como chefe-jagunço, na obra *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

REFERÊNCIAS

- ANAXIMANDRO. **Os Pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito** / introdução: Emmanuel Carneiro Leão; tradução Emmanuel Carneiro Leão e Sergio Wrublewski. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª ed., 1993.
- HEIDEGGER, Martin. **Caminhos de floresta**. 3ª edição; Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.
- HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (os pensadores)
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. **Heráclito: a origem do pensamento ocidental; Lógica: a doutrina heraclítica do logos**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1998.
- HEIDEGGER, Martin. **Que é isto, a filosofia?: identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e verdade: a questão fundamental da filosofia; da essência da verdade** / Martin Heidegger; tradução: Emmanuel Carneiro Leão; revisão da tradução: Renato Kirchner. 2ªed, Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.
- ZARADER, Marlène. **Heidegger e as palavras da origem**. Instituto Piaget; Lisboa, 1990.